

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS MILTON SANTOS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE

**CURAÇÁ: O VAQUEIRO, SUA FESTA E A REPRESENTAÇÃO
DA CULTURA**

Por

ALINNE SUANNE ARAÚJO DA SILVA TORRES

Orientador: Prof. Dr. FERNANDO CONCEIÇÃO

SALVADOR, BAHIA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS MILTON SANTOS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE

CURAÇÁ: O VAQUEIRO, SUA FESTA E A REPRESENTAÇÃO
DA CULTURA

Por

ALINNE SUANNE ARAÚJO DA SILVA TORRES

Orientador: Prof. Dr. FERNANDO CONCEIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

SALVADOR
2016

Dedico

A todas as famílias vaqueiras do município de Curaçá-Bahia.

À memória do meu avô João de Vitor e ao meu avô Pascoal Vieira, vaqueiros desse sertão de
meu Deus.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho com certeza não teria chegado ao fim sem a gratidão e a ajuda mútua de muitas pessoas. Tudo começou no ano de 2014 quando eu, uma sertaneja convicta, fui morar, pela primeira vez em uma capital. Longe da família e dos amigos tive que contar com a ajuda de muitas pessoas para conseguir conquistar mais um objetivo na minha carreira acadêmica.

Todos os méritos deste trabalho gostaria de dividir, em especial, com meus pais Mário César e Maria da Conceição e com meu irmão Alan que sempre me apoiaram e enfrentaram junto comigo todas as dificuldades financeiras para a realização do curso.

Quero agradecer a meu esposo Jonatas Cruz que chegou como um anjo e me apoiou desde o início da seleção de mestrado até a sua conclusão; a minha tia Magali pelo carinho prestado, a minha amiga Zizi que me acolheu tão bem na sua residência me ofertando momentos de amizade e aconchego e ao meu grande amigo Rafael Cruz que tanto apostou em mim e no meu tema, que dividiu momentos de angústia, tristezas, descobertas e agora de muita alegria. Rafinha, você foi o grande incentivador de tudo isso. Obrigada!

Agradeço aos amigos que tive que deixar de conviver por um tempo, mas que nem por isso diminuimos o sentimento de companheirismo como Paulo Coimbra, Anne Gabrielle, Antônio Carlos, Edjane, Andrew Jakson, Átila.

Agradeço ainda ao amigo fotojornalista Laercio Lima pelo auxílio, tantas vezes, na cobertura da Festa dos Vaqueiros e nas discussões sobre a pesquisa. Os agradecimentos também são ao meu amigo Tanilo Torres que sabiamente me ajudou nas correções ortográficas nesta escrita. Ao meu primo Lula pelo incentivo e a ajuda de sempre, meu muito obrigada!

Gostaria de agradecer imensamente a Universidade Federal da Bahia e ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciência Milton Santos na pessoa do meu orientador Fernando Conceição. Sem a sua compreensão, apoio crítico e emocional, certamente, Fernando, não iria me sentir confiante em todo o percurso do trabalho. Você confiou em meu projeto desde o início e soube compreender as minhas dificuldades transcorridas pelos mais de 500 km de distância. Fernando, meu muito obrigada e saiba que jamais irei esquecer todo o trabalho devotado a mim na realização dessa pesquisa. Obrigada!

De prontidão, gostaria de agradecer a todos os professores do Pos-Cult que tive a honra de participar das aulas, em especial ao professor Beto Severino que através do grupo de pesquisa

“Circuitos culturais, memória e narrativas do pertencimento: território e identidade na contemporaneidade” me auxiliou a buscar um entendimento mais profundo sobre a Festa dos Vaqueiros.

Quero agradecer também a duas amigas “festeiras” que sempre estiveram do meu lado e me auxiliaram tanto nas disciplinas presenciais como nos processos de qualificação e de defesa desta pesquisa. Viviane e Magnair vocês me ensinaram o quanto é valiosa uma amizade verdadeira e sincera. Obrigada por me acolherem em Salvador e me ajudarem em tantos momentos de amadurecimento da pesquisa e pessoal. Agora somos mestres e festeiras!

Para finalizar, gostaria de agradecer a todos os depoentes (Omar Torres, Theodomiro Mendes, Vaqueiro Deroaldo, Vaqueiro Luiz, Antônio Carlos, Gilberto Bahia Filho, Dom José Geraldo, Sérgio Ramos, Alan Alves) que contribuíram com suas memórias para essa pesquisa e aos sócios da Sociedade dos Vaqueiros e da Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC) e a toda comunidade curaçaense. Obrigada por me ajudarem a tornar pública a Festa dos Vaqueiros de Curaçá-BA e a contribuir para que uma parte da nossa história saia da invisibilidade e povoe novos horizontes.

TORRES, Alinne Suanne Araújo da Silva. Curaçá: O vaqueiro, sua festa e a representação da cultura. 98f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar e refletir a (res)significação da Festa dos Vaqueiros do município de Curaçá, situado no Norte da Bahia, a partir da influência de elementos de grupos político-partidários locais. A Festa dos Vaqueiros é uma das comemorações mais importantes da cidade de Curaçá, sendo realizada a mais de meio século. Sendo assim, esse estudo discutirá temas relacionados ao sertão baiano do Vale do São Francisco, a cultura, identidade, festa, poder e política. A metodologia desse trabalho tem como natureza a pesquisa qualitativa, com foco no método da História Oral, a partir de depoimentos de moradores, vaqueiros da cidade, participantes da festa. O estudo também desenvolverá uma pesquisa documental, através de análises de jornais e fotografias dos sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVES: vaqueiros, festa, identidade, sertão-baiano, cultura, política.

TORRES, Alinne Suanne Araujo da Silva. Curaçá: Cowboy, his party and the representation of culture. 98f. Dissertation (Masters in Culture and Society) - Institute of Humanities, Arts and Sciences Milton Santos, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

This research aims to investigate and reflect the (re)significance of the Feast of the city of Cowboys Curaçá, in the north of Bahia, from the influence of elements of local political party groups. The Feast of the Cowboys is one of the most important celebrations of the city of Curaçá, being held more than half a century. Thus, this study will discuss issues related to the Bahian backlands of São Francisco Valley, culture, identity, party, power and politics. The methodology of this study is to nature qualitative research, focusing on the method of oral history, from testimonials from residents, city cowboys, partygoers. The study will also develop a documentary research through analysis of newspapers and photographs of the subjects involved.

KEYWORDS: cowboys, party identity, backcountry-Bahian, culture, politics.

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. Mapa da Região do Vale do São Francisco	19
Figura 2. Vila Bom Jesus da Boa Morte.....	26
Figura 3. Igreja Matriz de Curaçá.....	27
Figura 4. Igreja Matriz de Curaçá Atual.....	28
Figura 5. Foto panorâmica da sede do Município de Curaçá	30

Figura 6. Festa da Marujada de Curaçá	31
Figura 7. Andor de São Benedito	31
Figura 8. Imagem comemorativa do centenário de Curaçá	33
Figura 9. Vaqueiros de Curaçá	44
Figura 10. Casamento do Vaqueiros Paulo	52
Figura 11. Vaqueiros na festa	54
Figura 12. A primeira Festa dos Vaqueiros de Curaçá em 1953	55
Figura 13. A primeira Festa dos Vaqueiros realizada pela Sociedade dos Vaqueiros 1959	60
Figura 14. Matéria do Jornal Diário da Região	63
Figura 15. Forró da Espora no Prédio da Sociedade dos Vaqueiros	64
Figura 16. Almoço na Fazenda Saudade	68
Figura 17. Almoço na Fazenda Saudade	68
Figura 18. Inauguração da estátua do Vaqueiro na Sociedade dos Vaqueiros	75
Figura 19. Notícia da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no Jornal de Juazeiro.....	75
Figura 20. Teatro Raul Coelho	79
Figura 21. Sr. Gilberto da Silveira Bahia em discurso durante a Festa dos Vaqueiros.....	81
Figura 22. Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2012	85
Figura 23. Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2013	85
Figura 24. Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2015	85
Figura 25. Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2016	86
Figura 26. Desfile dos Vaqueiros saindo da Fazenda Saudade no ano de 2015.....	88
Figura 27. Desfile dos Vaqueiros pelas ruas de Curaçá em 2015	89
Figura 28. Vaqueiros assistindo à Missa do Vaqueiro, em 2015, na Praça do Teatro Raul Coelho.....	90
Figura 29. Mapa do Território Sertão do São Francisco	90

SUMÁRIO

Pág.

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – No <i>Sertão do Corassá</i>: formação e trajetória hitórico-cultural do município de Curaçá	19
1.1 Curaçá: Por um lugar do festejar, da cultura e da memória	30
1.2 A cultura como significado	34
1.3 Cultura e Memória.....	38
1.4 A Cultura, o Popular da Cultura e o sentido das Festas	39
CAPÍTULO II – É festa no Sertão: O Vaqueiro de Curaçá e sua festa	47
2.1 A fundação da primeira associação de vaqueiros de Curaçá e a centralização do festejo nas mãos dos políticos	58
CAPÍTULO III - A Festa, a Cultura e a Política.....	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
ANEXO A – Imagens que remetem às festividades citadas na presente dissertação.	

INTRODUÇÃO

É em pleno sertão da Bahia, mais precisamente no Semiárido do Vale do São Francisco, em que foi primeiramente pensada e, sequeamente, construída essa pesquisa de mestrado com o tema Curaçá: o vaqueiro, sua festa e a representação da cultura.

O município de Curaçá está localizado à margem direita do Rio São Francisco, região do Submédio¹ do Velho Chico, próximo às cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Sua extensão territorial é de 6.442 km². O seu bioma é a caatinga e tem como clima o Semiárido. O município também está incluso no Polígono das Secas e por isso está sujeito a longos períodos de estiagem. Da capital baiana, Curaçá está distante 592 km. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população estimada para Curaçá em 2016 é de 35.3220 habitantes. No senso de 2010 a população era de 32.168.

A economia do município de Curaçá gira em torno da produção de caprinos e ovinos, além da produção agrícola nas comunidades que ficam às margens do Rio São Francisco. Genuinamente é da agropecuária e da caprinovinocultura que as famílias curaçaenses se desenvolveram ao longo dos anos. Para a produção dessas atividades foi de extrema importância o trabalho dos vaqueiros e de suas famílias. Homens e mulheres lidavam com os animais, quais sejam: o bode, o carneiro e o gado, e cuidavam do desenvolvimento das fazendas na ausência dos patrões-fazendeiros.

Aquele que desenvolvia a atividade de vaqueiro era considerado pelo patrão como uma pessoa de grande confiança. O vaqueiro era fiel ao fazendeiro. Ao vaqueiro devia toda obediência e força de vontade para que a fazenda prosperasse. E assim milhares de famílias vaqueiras foram se formando em todo território de Curaçá. O desbravamento das terras curaçaenses em boa parte se deve ao trabalho desses homens e mulheres vaqueiras. O vaqueiro é originário da mistura dos índios e negros.

Como curaçaense e neta de vaqueiros participei de algumas vivências das atividades vaqueiras tanto às margens do Rio São Francisco como em meio à caatinga fechada. Havia uma diferença entre esses dois cenários. A beira do rio tudo era mais rico, mais fácil de produzir. Mas, ao

¹A região do Submédio do São Francisco, de acordo com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF), é uma das regiões à margem do Velho Chico. A caatinga predomina em quase toda a área. A temperatura média anual é de 27 °C; a evapotranspiração é da ordem de 3.000 mm anuais e o clima é tipicamente semiárido.

se afastar do rio o solo seco dificultava a produção. Somente no “tempo verde”, com o cair das chuvas, a caatinga se desabrochava e se tornava mais viável.

Além da vivência no cenário da caatinga e seus costumes, era comum o relato dos mais velhos quanto às lendas e estórias que povoam o sertão. As lembranças das festas também não ficavam esquecidas e entre elas estava a Festa dos Vaqueiros de Curaçá, o tema escolhido para pesquisar e produzir essa dissertação.

A Festa dos Vaqueiros de Curaçá surgiu em 1953 durante as comemorações do centenário do município. Um dos entrevistados para essa dissertação, Omar Torres, popular Babá, que também é filho de Curaçá, nos revelou que era criança quando presenciou a primeira Festa dos Vaqueiros e que além dos índios e dos beiradeiros, os vaqueiros foram chamados a celebrar os 100 anos de Curaçá. Como a população gostou da apresentação dos vaqueiros, no próximo ano decidiram realizar mais uma vez a festa, mas dessa vez no feriado da Independência da Bahia, no dia 2 de julho.

Assim a Festa dos Vaqueiros foi inserida dentro do calendário festivo e cultural de Curaçá. Nos primeiros anos de realização a Festa dos Vaqueiros tinha um caráter popular e contava apenas com recursos dos moradores. O foco do festejo era homenagear o homem do campo, pois a população sobrevivia principalmente da pecuária. Como toda festa tem um ritual, os organizadores da Festa dos Vaqueiros logo inseriram alguns momentos ao festejo como o DESFILE DOS VAQUEIROS pelas principais ruas da cidade, o FORRÓ DA ESPORA e as CORRIDAS DE PRADO. Com o passar do tempo foi introduzida a MISSA CAMPAL, realizada na Igreja Matriz de Curaçá.

Os vaqueiros eram o símbolo principal da festa e, geralmente, eram identificados pelas roupas e utensílios de couro que carregaram pelo corpo ou montados nos cavalos. O couro era a matéria-prima para a criação de ferramentas de trabalho dos vaqueiros, do seu vestuário e de objetos que compunham as residências dos vaqueiros, como camas, cadeiras, bancos e etc.

Na Festa dos Vaqueiros os aboios eram as cantigas que embalavam e animavam a celebração. O aboio é um estilo musical típico do Nordeste Brasileiro. São canções que narram o cotidiano dos animais, das fazendas e dos vaqueiros.

Segundo Lopes (2002), a Festa dos Vaqueiros era celebrada da seguinte forma:

Os aboios, onde houvesse vaqueiro, o dia todo. A rua para os cavalos, o povo que se desviasse. À tarde, as corridas, a escolha do cavalo mais bonito, a escolha do vaqueiro melhor encourado, os prêmios. O povo da rua vendo, aplaudindo,

admirando, se orgulhando. De noite as danças. Forró para todo lado. Vaqueiro não pagava em canto nenhum. Documento de vaqueirice: o peitoral. Alguns se acompanhavam de chicote, de espora, ainda nos couros. Festa de Vaqueiro. (LOPES, 2000, p. 41).

A cada ano de realização, a Festa dos Vaqueiros de Curaçá tornava-se mais consagrada dentro da cultura popular do município. A população se identificava com a imagem do vaqueiro, seja por pertencer a famílias de vaqueiros ou simplesmente por admirar o seu trabalho. Tudo isso fez com que a festa se tornasse uma representação cultural que diferenciava o município das cidades vizinhas. Nos dias de hoje, Curaçá, pela oralidade popular, é tida como Capital dos Vaqueiros² em virtude da identificação da população com a Festa dos Vaqueiros e também por ainda ser um município que sobrevive da agropecuária e da caprinovinocultura.

Com a inserção de grupos políticos, principalmente a partir da década de 1970, a festa foi adquirindo novos significados. Dirigentes de partidos políticos começaram a dinamizar a festa introduzindo elementos da própria política e da mídia. Algumas mudanças são pertinentes citar agora para que o leitor compreenda o objetivo dessa pesquisa. A data de realização da comemoração, celebrada no 2 de julho, foi transferida para o primeiro final de semana de julho. A medida tinha o intuito de atrair turistas, visitantes e também autoridades políticas³. É nessa época também que discursos políticos começaram a fazer parte do ritual da comemoração e a festa começou a ser destaque na mídia regional.

No final dos anos 1990 o FORRÓ DA ESPORA já atravessava as ruas e avenidas de Curaçá e contava com a apresentação de milhares de pessoas entre elas turistas e visitantes. No início dos anos 2000, a festa começa a ser celebrada em meio a um conjunto de disputas pelo poder. As divergências político-partidárias começaram a influenciar nas decisões das duas associações de vaqueiros existentes na sede do município de Curaçá, neste caso a Sociedade dos Vaqueiros e a Associação de Vaqueiros e Pecuáristas de Curaçá (AVAPEC).

As duas entidades disputaram por anos a organização da festa, o que pode ter provocado uma (res)significação na Festa dos Vaqueiros. É nessa mesma época que a festa toma dimensão de “grande espetáculo musical”, pois a mesma começou a ser celebrada em um Pátio de

² Durante a pesquisa não foi encontrado nenhum documento oficial que se registre essa denominação ao município como Capital dos Vaqueiros. Em entrevista ao vereador Theodomiro Mendes em 2016, o mesmo confirmou que isso é apenas uma denominação popular.

³Essa afirmação foi feita, em entrevistas, por moradores e vaqueiros que participam da festa. Nos jornais Asa Branca e Jornal de Juazeiro em edições entre 1970 e 1990 constatar essa troca da data e como ela também trouxe novos significados para o festejo, neste caso a participação de vaqueiros e visitantes de outras cidades.

Eventos projetado pela Prefeitura Municipal de Curaçá e com isso passou a seguir um formato midiático com a apresentação de artistas famosos e a venda de ingressos.

A partir dessas colocações, o objetivo desta pesquisa foi de investigar como as relações de poder, estabelecidas entre os grupos políticos presentes no município de Curaçá-BA, contribuíram para a inserção de novos significados na celebração de uma das festas mais populares da cidade, a Festa dos Vaqueiros. Esse estudo se propôs a compreender o espaço das festas como um local de disputas, tensões e de (res)significações da cultura.

A escolha desse tema surgiu também da necessidade de documentar as manifestações populares do sertão baiano do Vale do São Francisco, principalmente do município de Curaçá-BA, pois ainda são poucos os acervos históricos que propiciam um resgate da memória e da identidade cultural da região.

Para se chegar ao objetivo dessa pesquisa foi preciso compreender e refazer toda a trajetória da Festa dos Vaqueiros desde o ano de 1953, quando a celebração foi criada. Como não foi possível relatar o que aconteceu ano por ano no festejo, a investigação se aproximou dos fatos mais importantes por década dentro do tema proposto.

Como as referências bibliográficas sobre o município de Curaçá, sobretudo o objeto de estudo dessa dissertação, são poucas, a metodologia aplicada nessa pesquisa foi a História Oral. Entrevistas semiestruturadas, com duração de até duas horas gravadas em um aparelho digital, foram realizadas com vaqueiros, moradores de Curaçá, políticos, representantes da área da Cultura em âmbito municipal e estadual, personalidades religiosas e sócios pertencentes à Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá e à Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC).

Os depoentes foram escolhidos a partir de uma minuciosa observação do contexto da festa e pelo grau de participação dos entrevistados no festejo. Foram escolhidas pessoas mais velhas por acreditar que elas tenham participado por mais tempo da Festa dos Vaqueiros e por isso poderiam narrar mais detalhes sobre o acontecimento. Também foram escolhidos representantes do governo municipal e estadual para explicarem os incentivos financeiros que a comemoração recebeu ao longo dos anos.

A Festa dos Vaqueiros também inclui um momento de religiosidade em seu contexto, com a realização da Missa dos Vaqueiros. Para entender como se configurou a realização da missa pela Paróquia Bom Jesus da Boa Morte e São Benedito, também foi entrevistado o bispo da Diocese de Juazeiro, onde a paróquia está inclusa, o senhor Dom José Geraldo da Cruz. A proposta era

entender como a Missa Campal foi realizada nos períodos de maior tensão entre os grupos político-partidários que integravam as associações.

As entrevistas transcorreram como um bate-papo descontraído, com algumas perguntas estruturadas e outras abertas com o intuito de deixar os entrevistados mais espontâneos para que, com liberdade, pudessem buscar em suas memórias momentos importantes do festejo.

Algumas entrevistas que foram feitas em 2010, quando na oportunidade de realização de Trabalho de Conclusão no curso de História, foram utilizadas como fontes nessa narrativa. Alguns entrevistados no ano de 2010 foram novamente entrevistados entre 2015 e 2016, com o intuito de que essas pessoas, como observadoras e testemunhas da festa, relatassem as impressões pessoais dos últimos anos sobre a festa. Com esses entrevistados foram feitos novos questionamentos sobre a festa e a influência político-partidária na mesma.

Um desses entrevistados, em que foi preciso um novo encontro, foi o vereador Theodomiro Mendes Filho, que também foi um dos que organizadores da Festa dos Vaqueiros por vinte anos. Theodomiro fez uma releitura da festa nos últimos anos, contou porque se distanciou da organização da festa e relatou os conflitos político-partidários dentro da comemoração. Enalteceu, ainda, uma das datas que foram criadas pela Câmara Municipal de Vereadores para lembrar os vaqueiros, como o Dia Municipal do Vaqueiro celebrado no primeiro domingo do mês de julho, data em que a cidade vive a Festa dos Vaqueiros.

Conversas informais com moradores de Curaçá, organizadores, participantes e turistas da festa também influenciaram na produção desta dissertação. Tais relatos ajudaram a compreender a importância do papel desempenhado pela festa na sociedade de Curaçá e como a população se identifica com a cultura dos vaqueiros. Dessa forma, compreende-se que a Festa dos Vaqueiros é uma parte fundamental da História de Curaçá por tratar-se de evento que envolve a memória das famílias vaqueiras e se torna sempre um elemento presente. A festa é um dos acontecimentos mais esperados pelos moradores e, além de alegria, denota outros sentimentos como saudade.

Ao ouvir todas essas narrativas ficou evidente que a cultura dos vaqueiros e da sua festa permanece em uma mística de sentimentos e expressões que são transmitidas e reconstruídas a cada celebração, confirmando o que diz Bosi (1994).

Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é um sonho é um trabalho. Se assim é deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de

cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p. 55).

A cada entrevistado foram solicitadas informações referentes à sua participação no festejo, lembranças da festa, relatos dos rituais da festa, momentos de conflito com políticos, momentos marcantes da festa, principais transformações ocorridas no festejo e as suas impressões atuais sobre a festa.

O método da História Oral permitiu a produção de fontes e, conseqüentemente, testemunhos sobre a trajetória cultural, histórica e política da Festa dos Vaqueiros. A metodologia permitiu conhecer o cenário da festa ao longo dos anos e perceber como o mesmo estava vinculado a um jogo de poder, de disputas e tensões político-partidárias.

O procedimento adotado pela História Oral é extremamente útil para preencher as lacunas da história na falta de documentação sobre determinado momento, como coloca Voldmam (2006). Com isso a História Oral possibilita o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre assuntos que são pouco explorados ou que não recebem muita ênfase. Através dela pode-se chegar a fontes ou relatos inéditos sobre determinado tempo passado.

Além disso, é importante frisar que o método da História Oral foi utilizado nessa pesquisa em virtude da sua abrangência na exploração de impressões históricas individuais e coletivas sobre o evento.

A construção do *corpus empírico* deste trabalho também contou, além das entrevistas, com a pesquisa em arquivos escritos e fotográficos do Museu Municipal Auristela Torres e entrevistas de jornais da região, neste caso tem-se em Curaçá o *Jornal Asa Branca*, e em Juazeiro-BA e Petrolina-PE o *Jornal de Juazeiro*, hoje *Diário da Região*. Também foram consultados acervos pessoais de moradores e vaqueiros como fotografias e objetos de trabalho.

A pesquisa participante também foi um método aqui utilizado. Desde 2010 procurei pesquisar e documentar a Festa dos Vaqueiros de Curaçá. Durante esse trabalho foi possível aprofundar os estudos e nos anos de 2014, 2015 e 2016 participei de todos os momentos da festa, começando pelo Almoço na Fazenda Saudade em seguida Desfile da Chegada dos Vaqueiros, Festa no Pátio de Eventos, Missa Campal e Desfile de Despedida dos Vaqueiros. Esses momentos foram registrados pelas lentes dos fotógrafos Laércio Lima e Caio Alves. Algumas dessas fotografias compõem as páginas dessa dissertação.

Para percorrer todo esse processo metodológico uma pesquisa bibliográfica foi realizada para dar sustentação à investigação e, conseqüentemente, aos resultados desse trabalho.

Sobre o município de Curaçá alguns escritores auxiliaram a montar o contexto histórico e geográfico da cidade como Esmeraldo Lopes e João Mattos. Sobre o tema cultura e suas significações vários autores contribuíram como Mikhail Bakhtin, Peter Burke, Roger Chartier, Teixeira Coelho, Fernando Conceição, Alberto Freire, Eric Hobsbawn, Milton Santos, Jesus Martim Barbero, entre outros.

Para discutir o tema memória alguns autores utilizados nesse trabalho foram Ecléa Bosi, Paul Zumthor, Janaína Amado, Antônio Torres, e etc. Para refletir sobre a construção da região Nordeste e os seus elementos simbólicos e culturais foi visto Joana Medrado, Eurico Boaventura, Câmara Cascudo, Durval Muniz, Erivaldo Fagundes, Ell Soo Pang, e etc.

Já sobre o tema festa nesta pesquisa foram utilizados autores como Mary Del Priori, Maria Clementina Cunha, Paulo Miguez, Durval Muniz, Marcia Sant'anna, entre outros.

Por fim, a estrutura da dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo traz-se para os leitores uma descrição histórica, geográfica e cultural do município de Curaçá. O leitor poderá conhecer como aconteceu a formação do município no Semiárido da Bahia, como os vaqueiros se tornaram elementos principais na formação de Curaçá e, paralelo a isso, como se organizou a “sociedade do couro” no sertão da Bahia. Nesse primeiro capítulo também é discutida a ideia de cultura e o sentido das festas ao longo da sociedade brasileira desde o Brasil Colônia até a sua contemporaneidade.

No segundo capítulo o leitor compreenderá como foi criada a Festa dos Vaqueiros de Curaçá em 1953. Nesse capítulo é feita uma descrição densa dos momentos da festa e de como foram criadas as associações de vaqueiros, a Sociedade dos Vaqueiros em 1959 e a Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC) em 2003. É visto ainda como entidades de representação dos vaqueiros se tornaram detentoras da organização da festa e como elas entraram em conflito através das divergências político-partidárias dos seus sócios. Neste capítulo, o leitor terá acesso a depoimentos de jornais e revistas que narraram através da mídia regional a Festa dos Vaqueiros. São entrevistas que transparecem os acontecimentos da festa no decorrer dos anos. Em algumas delas estão nítidas as transformações ocorridas na festa e a opinião dos jornais sobre a realidade vivida pelos participantes durante a festa.

Ainda neste mesmo capítulo, serão abordadas as alterações que o ritual festivo passou em virtude dos conflitos político-partidários, bem como serão transcorridos depoimentos dos moradores, políticos e vaqueiros sobre o assunto.

O terceiro capítulo desta dissertação trata com mais profundidade os três pilares desta pesquisa: a Festa dos Vaqueiros, a cultura e a política. Nesse espaço é dada continuidade à análise das afirmações, depoimentos e entrevistas colhidas sobre as influências dos grupos políticos na celebração da Festa dos Vaqueiros.

O leitor terá acesso a momentos marcantes e tensos da festa como a divisão da celebração, a formatação de um novo espaço para a festa, a entrada de empresas comerciais na organização do festejo e a configuração da realização do festejo frente a tantas modificações nos últimos anos. Nesse capítulo é abordado como as associações se uniram após anos de conflitos pela disputa do poder de organização da festa e como o governo do Estado da Bahia e o governo municipal de Curaçá nesses últimos quatro anos tem contribuído com a realização da festa.

Conhecer a tradicional Festa dos Vaqueiros da cidade de Curaçá, no sertão da Bahia, suas riquezas, conflitos, experiências, trajetórias, faz refletir sobre as diversas formas do festejar e como as festas são responsáveis pela continuidade cultural de um povo. Compreender que o cenário da festa carrega múltiplos significados não é uma tarefa fácil, mas é possível e essa pesquisa é uma demonstração disso. Esse trabalho dissertativo é uma inspiração para os amantes da cultura e das festas, em especial, as sertanejas.

CAPÍTULO I

No Sertão do Corassá: formação e trajetória histórico-cultural do município de Curaçá

A partir do tema “Curaçá: o vaqueiro, sua festa e a representatividade da cultura”, esta dissertação remete-se à discussão de uma das maiores festas populares da cidade de Curaçá-BA, a sua tradicional Festa dos Vaqueiros, tendo em vista a participação de grupos políticos no contexto da celebração e como as relações de poder estabelecidas trouxeram novos significados ao festejo.

O município de Curaçá está situado na região Nordeste, mais precisamente no semiárido do Estado da Bahia, a 592 km de Salvador. Seu território é banhado pelas águas do rio São Francisco, como as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE que se destacam como grandes polos da agricultura irrigada no sertão brasileiro.

Figura 1 – Mapa da região do Vale do São Francisco



Fonte: Google

De acordo com Mello (1989) o Vale do São Francisco foi originalmente habitado pelos índios tapuias, sendo eles do grupo Gê e Centocê⁴. Essa autora afirma que a região começou a ser visitada no ano de 1554, segundo o relatório do padre espanhol Azpilcueta Navarro, a partir da entrada do espanhol João Brusa Espinoza que partiu de Porto Seguro – BA seguindo o rio Jequitinhonha até atingir o rio São Francisco.

Erivaldo Fagundes Neves (2008)⁵ explica que essa expedição de Azpilcueta Navarro percorreu, durante 10 meses, 350 léguas⁶. Sobre os aldeamentos indígenas no sertão da Bahia, esse

⁴ Melo (1989) cita que o grupo indígena Centocê pode ter dado ao nome da cidade ribeirinha Sento Sé localizada no norte da Bahia.

⁵ NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja**: da sesmaria ao minifúndio. Uma história regional e local. 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

autor expõe que os tapuias eram os moradores mais antigos e também os mais primitivos indígenas do Brasil. Quando foram expulsos do litoral pelos tupis, ocuparam os sertões, dividindo-se em inúmeros “bandos, costumes e linguagens”, entre eles os macarás, que habitaram os vales dos rios Paraguaçu e de Contas, e os “acaroaces” ou coroados, que viveram no Médio São Francisco, imediações do território de Bom Jesus da Lapa. Outros povos nômades da mesma etnia espalharam-se pelo Vale do São Francisco e todo o Alto Sertão, sempre em confronto com alguns grupos que adentravam na região.

O sociólogo Esmeraldo Lopes (1997)⁷, no entanto, esclarece que os índios cariris foram os mais recentes agrupamentos indígenas formados no Vale do São Francisco. Os cariris chegaram ao Vale do São Francisco após expulsão do litoral pelos índios tupis.

Os Cariris alojavam-se nos lugares mais férteis e ricos em caça e/ou pesca e frutos silvestres: serras, brejos, ilhas, olhos d'água e às margens do Rio Opara e de seus afluentes. Não se fixavam em nenhum lugar definitivamente. Eram nômades (LOPES, 1997, p.12).

Lopes (1997) explica, ainda, que os índios que habitavam a região do Vale do São Francisco tinham aparências em comuns, mas diferenciavam-se pela língua, pela altura, por algumas crenças, pelos nomes que davam. O estilo de vida era idêntico, porém os grupos buscavam-se marcar pelas diferenças. Sendo assim, diversos grupos indígenas se formaram no território do Rio São Francisco. Entre eles têm-se os amoipiras, caetés, gés, ocrens, tamaquius, paiaiás, macarás, sacragrinho e alguns outros grupos e/ou nações.

Com a inserção das atividades agropecuárias, segundo Neves (2008), esses primeiros habitantes do sertão da Bahia foram absorvidos como mão de obra e perderam suas identidades étnico-culturais.

Sobre o início da exploração do Vale do São Francisco, Melo (1989) frisa que até as primeiras décadas do século XVI a região pouco foi explorada devido a densidade das florestas. Somente a partir da segunda metade do século XVI é que ganha força o processo de povoamento da região através das Casas Coloniais, que organizaram e financiaram entradas e bandeiras, concedendo e arrendando terras, bem como incentivando as missões religiosas.

⁶ Léguas foi uma unidade de medida muito utilizada no Nordeste brasileiro e equivale a 6 [km](#). No município de Curaçá muitos vaqueiros ainda usam o termo para medir distâncias.

⁷ LOPES, Esmeraldo. **Opara. Formação Histórica e Social do submédio São Francisco**. Juazeiro, 1997.

As terras localizadas à margem direita do Rio São Francisco, onde está situada a cidade de Curaçá, pertenciam à Casa da Torre, uma espécie de “empresa pecuarista” que pertencia à família Garcia d’Ávila.

A Casa da Torre, por esse tempo, dava início à ocupação das terras conquistadas no São Francisco, estabelecendo currais. Enquanto as terras do lado baiano iam sendo ocupadas a passo de boi, o segundo Garcia d’Ávila atravessava o São Francisco a passo de cavalo e abocanhava outra imensa área territorial (LOPES, 1997, p. 21).

Em torno de 1670, segundo Mello (1989), a Casa da Torre começou a penetrar no Vale do São Francisco, impulsionando a criação do gado e o povoamento. No início do século XVIII a região tornou-se o eixo mais povoado do Brasil e o rio São Francisco ficou conhecido como “Rio dos Currais”.

Cronistas da época relatam que, a partir deste processo de povoamento, o rio São Francisco fica conhecido como “rio dos currais”, pois, a cada paragem, ia-se deixando uma família de agregados e um par de reses (MELLO, 1989, p. 40).

A pecuária desde cedo foi um dos principais fatores que impulsionaram o povoamento dos sertões brasileiros (NEVES, 2008). Sua expansão pelo interior do Brasil começou pela Bahia, quando o governo metropolitano português instigou a ocupação do interior. Através de Carta Régia de 1701 proibiu a pecuária a menos de 10 léguas da Costa Atlântica.

O vaqueiro foi um dos responsáveis pela expansão da pecuária no sertão do Brasil como frisa Eurico Boaventura⁸:

Saiu o vaqueiro, vestido de bandeirante, a desbravar o horizonte, a rasgar serras e a esfarrapar nesgas de mato mais alto, para caminhos posteriores, à cata de mais pastos. Punha o horizonte volúpias de distâncias no olhar do vaqueiro e a terra se abria para a festa viril da vaquejada. E lá se ia o vaqueiro, arribando-se na poeira que a cavahada levantada atrás da boiada. (BOAVENTURA, 1989, p. 27)

Em outro trecho da mesma obra esse autor ressalta que “foi preciso que surgisse o vaqueiro para garantir a aventura da penetração horizonte a dentro”⁹ e que “Ao vaqueiro, sim. Deve a vida social que nele abrolhou intensamente. Deve a economia, que, sob a sua vista, à sua voz suja de poeira, se modelou, cresceu e auxiliou à combalida dos canaviais”¹⁰.

⁸ BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1989.

⁹ BOAVENTURA, Eurico. Op.cit. p. 44.

¹⁰ BOAVENTURA, Eurico. Op.cit. p. 23.

É interessante frisar que a região do Vale do São Francisco pouco conheceu o trabalho escravo, assim coloca Mello (1989), e isso em virtude da forma de organização social que foi se estabelecendo através da formação das fazendas de gado.

Com a pecuária extensiva, voltada para o abastecimento das zonas auríferas e canavieira, e uma agricultura para consumo interno, não se colocava a necessidade do braço escravo. Na literatura do século passado há apenas algumas referências à escravização de índios em raras fazendas, utilizados como vaqueiros (MELLO, 1989, p. 40).

Boaventura (1989) confirma que poucos foram os negros que habitaram as terras sertanejas da Bahia. “A quase isenção de sangue negro puro no povo sertanejo patenteia-se pelo sertão inteiro, pode afirmar-se”¹¹. Esse autor colocar ainda:

O pouco preto, elemento em geral negroide e não negro propriamente, que penetrou a caatinga nordestina e se infiltrou nas terras que se espreguiçam além do Vale do Paraguaçu, em meio às águas do Rio de Contas e frente aos barrancos do São Francisco, diluiu-se na grossa mistura já encontrada de sangue índio e sangue português principalmente. Absorveu-o o sangue indígena. (BOAVENTURA, 1989, p. 75).

No entanto, no município de Curaçá, segundo Lopes (2000), tem-se a informação de que escravos ajudaram a construir a Capela do Senhor Bom Jesus da Boa Morte, hoje Igreja Matriz Bom Jesus da Boa Morte e São Benedito. A edificação da capela foi conduzida por dona Feliciano Maria de Santa Theresa de Jesus, uma senhora proprietária de fazendas e considerada pelos registros históricos de Curaçá, fundadora da cidade. Lopes (2000) ressalta também que, segundo a memória oral, Dona Feliciano tinha o costume de observar o trabalho dos escravos em um mirante erguido na sua residência que ficava ao lado da capela.

Ainda sobre a presença de escravos no município de Curaçá tem-se a criação de uma das festas mais populares da cidade, a Marujada. De acordo com Lopes (2000), a celebração acontece em homenagem ao santo São Benedito, um santo negro bastante estimado pelos moradores. Celebrada desde o começo do século XX no dia 31 de dezembro, a Marujada foi criada pelos escravos que no dia da festa ganhavam a “liberdade” dos seus senhores.

Nesse dia, escravos “livres”, com o “direito” de suas coisas, se aparentavam, viravam “senhores”, no conforme do consentimento dos seus donos, que ficavam assuntando, com atenção, cuidando para não haver desrespeito. Cantavam, dançavam, bebiam, homenageavam o Santo, dando homenagem aos Senhores (LOPES, 2000, p. 72).

¹¹ BOAVENTURA, Eurico. Op.cit. p. 80.

Em se tratando da formação histórico-social do Vale do São Francisco, onde está geograficamente situado o objeto de estudo dessa dissertação, tem-se que ao final do século XVIII e início do século XIX os elementos que integrariam a sociedade dessa região já estavam estabelecidos. Segundo Mello (1989) era uma sociedade de vaqueiros com um dinamismo próprio, através da consolidação de proprietários de terra que nesse período começavam a sustentar a fazenda por meio da agricultura para autoconsumo e outras atividades comerciais.

É nesse cenário que o município de Curaçá irá fincar raízes. O território de Curaçá tem 6.442 km² de extensão. O seu bioma é a Caatinga e tem como clima, como já foi referenciado acima, o Semiárido, com predominância de chuvas entre os meses de dezembro e março.

Pela divisão datada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1- VII-1960, a região de Curaçá está dividida em cinco distritos: Sede, Poço de Fora, Barro Vermelho, Patamutê e Riacho Seco. O município ainda possui três povoados: São Bento, Mundo Novo e Pedra Branca.

Curaçá faz fronteira com as cidades de Juazeiro, Uauá, Chorrochó, Abaré, Jaguarari, na Bahia, e com os municípios de Santa Maria da Boa Vista, Lagoa Grande, Orocó e Cabrobó no Estado de Pernambuco. De acordo com o censo de 2010 divulgado pelo IBGE Curaçá possui 32.165 habitantes.

A origem do município está intercalada à lenda religiosa que afirma o descobrimento da imagem de Santo Antônio no final do século XVI, por um grupo de portugueses, em um lugar denominado de Pambu. Segundo Mattos (1926)¹², em 1562 chegou aos campos do *Corassá* o jesuíta Luiz de Gran com o intuito de fundar uma aldeia para catequizar os índios da região. Os trabalhos missionários do padre foram em vão, em decorrência de algumas doenças que se alastravam pela Bahia como a peste da bexiga e a grande fome de 1564.

No actual município de Curaçá, tem sua origem em épocas immemoriaes, com apparecimento, diz a lenda, de uma imagem de Santo Antonio no lugar denominado Pambú, a margem direita do rio S. Francisco, em um valle pitoresco, 16 leguas acima da missão de Rodellas. Esta imagem foi encontrada pelos portugueses que se achavam localizados na aldeia de *Cannabrava*, na outra margem do rio e a 13 léguas abaixo de Pambú, os quaes além da impressão que lhes causou esse milagroso apparecimento, ficaram tão ecantados com a amenidade do sitio, de risonhos campos e floridos vergeis, que immediatamente para alli transferiram a aldeia *Cannabrava* e edificaram uma bellissima egreja no

¹² MATTOS, João. **Descrição Histórica e Geoplica do Município de Curaçá**. Juazeiro: Typ de o Echo, 1926. A obra foi apresentada no 5º Congresso Brasileiro de Geografia em 1916 e publicada em 1926.

local do milagroso aparecimento, partindo desta data o aldeamento de Pambú (MATTOS, 1926, p. 15).

A primeira expedição, que se tem conhecimento, a penetrar as terras que deram origem ao município de Curaçá foi a comandada pelo bandeirante Belchior Dias Moréia, no final do século XVI. A bandeira penetrou mais precisamente na Serra da Borracha, onde fez as primeiras descobertas de minérios preciosos na região.

Coube a bandeira de Belchior Dias Moreira ser a primeira a penetrar nos sertões bahianos que mais tarde vieram a pertencer ao julgado de Pambú, hoje município de Curaçá, que até então, ao que se sabia, somente indígenas era habitado e conhecido. (MATTOS, 1926, p. 10).

Em 1671, o frei Martim de Nantes em companhia do frei Anastácio d'Audierne chegaram à região e fundaram a Missão de Pambu. O religioso Frei de Nantes permaneceu na região por cinco anos e em relatório enviado aos seus superiores em 1671, descreveu que neste mesmo ano foi construída uma capela no aldeamento da qual o capelão era o frei Audierne. Ainda segundo Mattos (1926), após a bandeira de Belchior Dias, atravessou o povoado de Pambu a expedição de Pedro Barbosa Leal, no ano de 1675.

A missão pegou fama. Era o único lugar onde havia padre, em toda a região do submédio São Francisco. Porque não achava certo o que os fazendeiros faziam com os índios, o frei foi duramente perseguido e depois mandado embora. Alguns anos mais tarde, vieram os missionários franciscanos e Pambú ficou mais famoso (LOPES, 2000, p. 6).

No ano de 1697, quando o arcebispo da Bahia D. João Franco de Oliveira visitara as terras de Pambu, foi determinada à elevação de Pambu a curato¹³ e foi separado da freguesia de Jacobina. Lopes (2000)¹⁴ expõe que em 1714 Pambu foi elevado a Paróquia, em 1724 tornou-se distrito da Vila de Jacobina, julgado¹⁵ em 1743 e finalmente pelo decreto 06 de Julho de 1832 foi elevado à vila desmembrando-se das terras do município de Juazeiro.

Pelo decreto de 6 de julho de 1832, Pambu foi elevado a condição de vila, abrangendo a área que ia do riacho Curaçá até Santo Antônio da Glória, próximo a cachoeira de Paulo Afonso. Caatinga adentro, divisava-se com Jeremoabo e Monte Santo (LOPES, 2000, p. 8).

¹³ Passou a ter seu próprio vigário.

¹⁴ LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá**. Curaçá: Gráfica Franciscana, 2000.

¹⁵ Tornou-se uma localidade com juiz ordinário e um tabelião.

Os moradores da Vila de Pambu viveram isolados em seu território por algumas décadas. Vaqueiros, fazendeiros e escravos dividiam o cotidiano simples e distante de outras populações. A principal economia do povoado era a pecuária, que foi trazida por volta de 1640 pelos portugueses para a região do submédio São Francisco através da Casa da Torre.

Ao contrário das atividades de caça e das minas, a pecuária exigia uma estrutura que viabilizasse a ocupação efetiva do espaço. “A estrutura era simples: um curral precariamente construído – para aprisionamento do gado –, uma fonte de água que era cavada no leito dos riachos ou nos baixios” (LOPES, 1997, p. 25).

Após a criação do curral era deixado no local um casal de escravos, dez novilhas, um touro, um casal de equinos e também animais domésticos. Para cuidar das atividades da fazenda surge a figura do vaqueiro, que compõe o campo de estudo dessa dissertação. Era responsabilidade total do vaqueiro proteger a propriedade, bem como, cuidar da criação.

Lopes (1997) expõe que o vaqueiro atuava sozinho em campos vastos, porém usava armas para defender o rebanho e não tinha acompanhamento fiscal de seu trabalho. “Em verdade, tratava-se, inicialmente, de um tipo de servo recrutado entre os índios domesticados no litoral e também mestiços e portugueses pobres” (LOPES, 1997, p. 29).

Os senhores não tinham nenhuma despesa com a manutenção dos vaqueiros, a não ser a de fornece-lhes armas e munição para que protegessem o gado e defendessem a terra. Portanto, é notório que o sujeito vaqueiro esteve presente no processo de formação econômica do município de Curaçá, pois desde a colonização da região a pecuária desenvolveu-se como uma das fontes de riqueza mais importantes para os habitantes do futuro município.

Voltando às reminiscências, a Vila de Pambu chegou ao seu declínio devido à criação de um porto em um terreno alto na beira do rio São Francisco. Esse porto, denominado de Capim Grosso, estava localizado nas proximidades do sítio Bom Jesus da Boa Morte, onde hoje está localizado o município de Curaçá.

Figura 2 – Vila Bom Jesus da Boa Morte



Fonte: acervo digital da Biblioteca Nacional – Registro fotográfico da Vila Bom Jesus da Boa Morte, que mais tarde recebeu o nome de Curaçá. A Vila ficava próxima ao porto de Capim Grosso. O registro remete-se ao ano de 1868¹⁶.

O Sítio Bom Jesus da Boa Morte pertencia ao senhor Florêncio dos Santos, esposo de Feliciano Maria e Santa Thereza de Jesus, considerada pelos escritos da cidade fundadora do município de Curaçá. Segundo Lopes (2000) em 1809 o capitão-mor João Francisco dos Santos doou uma das suas propriedades para seu filho Florêncio dos Santos. O sítio recebeu o nome de Bom Jesus da Boa Morte, provavelmente, por ser o santo de devoção de Feliciano.

Ainda de acordo com Lopes (2000), antes da criação do sítio Bom Jesus da Boa Morte, apareceu nos arredores do porto Capim Grosso o padre José Antônio de Carvalho Mattos, um dos principais incentivadores da povoação do sítio. Juntamente com D. Feliciano e alguns de seus escravos o padre José Antônio deu início à construção da capela Senhor Bom Jesus da Boa Morte no

¹⁶ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervodigital/>. Acesso em 14 de Abril de 2016.

ano de 1819. A inauguração da igreja só foi possível em 1835. Essa capela tornou-se a Igreja Matriz de Curaçá e tem como padroeiro o santo Bom Jesus da Boa Morte¹⁷.

Com o padre morando ali, a proprietária do sítio deu providência, pediu ajuda a fazendeiros e mandou vir escravos para os trabalhos na construção da capela. A capela do Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Bem perto, construiu sua casa também. Porto, padre e capela. Dois nomes para o mesmo lugar: Porto do Capim Grosso, Sítio Bom Jesus. (LOPES, 2000, p. 7).

Figura 3 – Igreja Matriz de Curaçá



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Curaçá Auristela Torres – Igreja Matriz de Curaçá quando foi construída apenas a primeira parte entre 1819 e 1835.

Figura 4 – Igreja Matriz de Curaçá Atual

¹⁷ No ano de 1997 a paróquia de Curaçá agregou como co-padroeiro o santo São Benedito. De acordo com a documentação da Igreja Católica o Santo atraía muitos devotos e era bastante festejado no dia 30 e 31 de Dezembro.



Fonte: Laércio Lima (2016).

Em 1846 Pambu encontrava-se bastante decadente, em virtude da migração de seus habitantes para os arredores do Porto Capim Grosso. Sete anos mais tarde, através da Lei provincial de 06 de Junho de 1853, a vila de Pambu e a freguesia foram transferidas para o porto de Capim Grosso, onde também estava situado o Sítio Bom Jesus da Boa Morte.

De acordo com Lopes (2000), não se tem registro sobre o motivo dessa transferência. O que se sabe é que alguns fazendeiros importantes da região começaram a fixar residência nos arredores do sítio, já que era um local de melhor acesso e de comunicação com outras localidades.

Pronto: o fim. Capela do Senhor Bom Jesus da Boa Morte se elevou a matriz, a matriz de Pambu acabou sendo capela filial. A povoação virou sede, a sede virou povoação. Os fazendeiros deram mais importância ao lugar, foram construindo, formando o quadro das casas dos ricos, abandonando o mato, se juntando na fidalguia da rua (LOPES, 2000, p. 9).

Com o aumento da população no sítio Bom Jesus da Boa Morte, as pessoas logo passaram a chamar o local de Curaçá. O nome remete a dois significados, *Paus Trançados e Cruz*. Não há um significado exato para o termo, apenas sabe-se que é de origem indígena¹⁸.

Dessa forma, Capim Grosso – que também recebia o nome de Sítio Bom Jesus da Boa Morte – começou ganhar adereços de município, como uma escola em 1874 só para meninos e outra

¹⁸ Lopes (2000) cita que o nome Curaçá pode ter surgido também da expressão *Sertão do Corassá*, que foi um termo usado pelo bandeirante Belchior Dias Moréia.

em 1876 para meninas. Pelo decreto de 3 de julho de 1890 o vilarejo ganhou um intendente a partir da sua nomeação a comarca, já que foi desanexado da jurisdição de Juazeiro. No dia 10 de julho do mesmo ano, pelo ato nº 59, a sede da vila e o município passam a se chamar Curaçá. Segundo Lopes (2000) não se tem registro do motivo dessa alteração.

Após dois anos da elevação de Curaçá a comarca, o ato foi desfeito e o município voltou a pertencer à comarca de Juazeiro. “De tempos em tempos uma notícia: Capim Grosso virou comarca; Capim Grosso agora muda de nome, o nome é Curaçá; Curaçá perde comarca, Curaçá tem um Intendente para governar. E tudo a mesma coisa, o mundo parado” (LOPES, 2000, p. 10).

Sobre o primeiro governo de Curaçá foram encontrados os seguintes cargos e nomes:

Constituindo-se autônomo, em virtude da lei orgânica dos municípios, foi o seu primeiro governo composto dos cidadãos: Intendente – Dr. Scipião Torres. Conselheiros Municipais – Capitão Jeronymo Coelho de Aquino, Capitão Napoleão Carlos Augusto de Moron, Benedicto Jacome Brandão, José Amancio de Vasconcelhos Passos, Francisco Salles da Silva Reis, Leovigildo Benicio Xavier e José Alves dos Santos. (MATTOS, 1926, p. 83).

Pelo decreto Estadual de 30 de março de 1938, nº 10 724, Curaçá recebeu foros de cidade, já que o decreto Nacional nº 311, artigo V, estabelecia que toda sede dos municípios brasileiros fossem elevadas a categoria de cidade. Por isso, o município comemora seu aniversário em duas datas. A primeira é em 06 de Julho de 1832, quando o povoado de Pambu foi elevado a vila, e a segunda em 30 de março de 1938, quando ocorreu a sua emancipação política.

Figura 5 – Foto panorâmica da sede do Município de Curaçá



Fonte: Romualdo Falcão (2016)

1.1 Curaçá: Por um lugar do festejar, da cultura e da memória

A configuração cultural e histórica do município de Curaçá é marcada pelas festividades, em especial a Festa dos Vaqueiros, o objeto de estudo dessa pesquisa.

Ao longo dos seus 184 anos¹⁹, a cidade guarda tradicionalmente diversas celebrações, apesar de serem notadas ressignificações no corpo dessas comemorações. Dentre as festas mais populares de Curaçá tem-se, por exemplo: a Procissão de São Benedito, que acontece todos os anos no dia 30 de dezembro; a Marujada, que ocorre no dia 31 de dezembro; e a Festa dos Vaqueiros, celebrada no primeiro final de semana de julho.

Além dessas festividades, por todo o município, e isso obedecendo a um calendário festivo construído ao longo dos anos pela comunidade, é possível encontrar variadas festas de santos e padroeiros, como a de São João, no distrito de Barro Vermelho; Santo Antônio, no distrito de Patamuté; Nossa Senhora de Lourdes, no povoado de Pedra Branca. Temos, ainda, a Festa da Agricultura, que acontece em agosto no distrito de Riacho Seco; a Romaria da Gruta de Patamuté, realizada no dia 1 de Novembro; A Festa de Zumbi dos Palmares, na comunidade de Jatobá; as Rodas de São Gonçalo, que são bastante comuns e são realizadas em várias localidades da cidade em

¹⁹ Curaçá completou 184 anos em 06 de julho de 2016.

virtude do pagamento de promessas de devotos; o Baile Pastoril, celebrado no dia 24 de dezembro; e o Reisado, realizado no mês de janeiro.

Figura 6 – Festa da Marujada de Curaçá



Fonte: Google (2016) – Acontece sempre no dia 31 de dezembro em homenagem ao Co-Padroeiro São Benedito.

Figura 7 – Andor de São Benedito



Fonte: Google (2016).

Essas festas, religiosas ou não, segundo Sant'Anna (2013)²⁰, fomentam a marcação de territórios de memórias, sentimentos, pertencimentos e identidade. Dessa forma, o potencial simbólico das festas é incomensurável. Além disso, a presença de um ritual comunicativo, que abrangendo recordações do passado, tornam o momento festivo repleto de significados, faz da festa um momento de reafirmação social e cultural de um povo.

Sobre a Festa dos Vaqueiros, tem-se que o evento teve início no ano de 1953 quando Curaçá comemorou seu centenário²¹. A festividade foi criada para homenagear o vaqueiro, um dos principais símbolos culturais do município. Segundo Lopes (2000) e também a memória popular do município, um dos maiores incentivadores para a realização da Festa dos Vaqueiros foi o senhor Gilberto da Silveira Bahia, que foi prefeito de Curaçá entre os anos de 1959 a 1963.

Mas, é a partir da década de 1970, como aponta Lopes (2000), que se evidencia com mais veemência a participação de grupos políticos na organização e na tomada de decisões no corpo do festejo, o que ocasionou rupturas e a inserção de novos símbolos à festa. No ano de 1973 assume a administração municipal o senhor Theodomiro Mendes, um dos políticos que mais influenciou tanto a aparência de grupos políticos dentro do festejo como a entrada de novas representações na celebração. Esse assunto será abordado no capítulo seguinte.

Sobre o ano de 1953, durante a pesquisa, foi visto que era uma época de grande efervescência cultural em todo o país. A ocasião era em virtude das ações do Movimento Folclórico que começou em 1947 com a Comissão Nacional do Folclore (CNFL). A UNESCO criada em 1945 havia recomendado a criação de organismos, nos países em que atuava, voltados para o conhecimento de culturas populares.

Na década de 1950 o movimento folclórico agiu no sentido de construir políticas públicas, como a Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro, que permitissem criar as condições institucionais de pesquisa, preservação e promoção do folclore e da cultura popular. Um dos

²⁰ SANT'ANNA, Marcia. **A Festa como Patrimônio Cultural**: problemas e dilemas da salvaguarda. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

²¹ Durante a pesquisa foi constatado que os moradores de Curaçá em 1953 comemoraram o centenário da cidade tendo como referência o ano de 1853 quando foi transferida a sede de Pambu para o Sítio Bom Jesus da Boa Morte. Atualmente o aniversário da cidade tem como data o ano de 1832 quando foi fundado o município de Curaçá com sede em Pambu. Sendo assim, a Festa dos Vaqueiros de Curaçá foi criada em comemoração ao centenário da cidade tendo em vista o ano de 1853.

folcloristas de destaque nesse período e que também é bastante citado nessa dissertação é Câmara Cascudo que tão bem narrou a poesia e as vivências sertanejas.

A partir dessas afirmações, pode-se deduzir que a festa tenha sido criada com esse intuito de preservação de uma identidade, de uma história, pois o país estava tomado de ideias que defendiam as culturas populares.

O fato de comemorar o centenário da cidade e também promover a Festa dos Vaqueiros faz-se refletir sobre a importância dos centenários para a memória e também para a manipulação da mesma. Segundo o historiador Le Goff (1990), as comemorações alimentam a recordação e o controle do calendário pode ser tomado como uma forma de controle do tempo, o que se torna essencial ao poder.

Juntar dois grandes momentos da história de uma cidade não foi meramente proposital. O ano de 1953 foi escolhido para construir simbologias, marcar um território de memória, de emoção e afetos.

A festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Figura 8 – Imagem comemorativa do centenário de Curaçá



Fonte: Biblioteca Municipal Padre José Torres Costa – A foto remete-se à comemoração do centenário de Curaçá em 1953. No centro da imagem está Dona Feliciano, fundadora da cidade.

1.2 A cultura como significado

Ao analisar o conteúdo da Festa dos Vaqueiros adentraremos no ambiente da cultura do município de Curaçá, sendo importante compreender os vínculos estabelecidos entre o social, o econômico, o cultural e o histórico, já que a festa será problematizada e não apenas vista como mais um elemento da cultura curaçense.

Para iniciar este diálogo é pertinente observar o processo de “significação” do termo cultura. A princípio, a palavra cultura teve como um dos seus significados o sentido de lavoura, cultivo agrícola, ou cultivo que cresce naturalmente segundo Terry Eagleton (2011)²².

A raiz da palavra cultura vem da expressão em latim “colore”, que pode significar desde cultivar a habitar a adorar e proteger. Nesse sentido, Eagleton (2011) explica que cultura é resultado de uma construção que está relacionada entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz.

Na Idade Moderna, segundo esse autor, cultura significava “civilidade” e depois ganhou o sentido de “civilização”, que à época tinha a ideia definida como bons costumes e como moral. É o que Norbert Elias (1994)²³ explica ao falar dos significados de cultura que eram compreendidos na França e na Alemanha. Os comportamentos humanos firmados na ideia de gentileza, cortesia e urbanidade eram a medida do que se poderia representar como cultura nesses países.

O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais. O conceito alemão de *Kultur* alude basicamente os fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresenta a tendência de traçar uma nítida linha divisória entre os fatos desse tipo, por um lado, e fatos políticos, econômicos e sociais, por outro. (ELIAS, 1994, p. 24).

De acordo com Teixeira Coelho (2008)²⁴, no período do Iluminismo, século XVIII, o vocábulo cultura era entendido pelos intelectuais como a soma dos saberes acumulados e transmitidos. Os estudos da época, segundo esse autor, tinham a argumentação do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832 - 1917) que, através de um conceito etnológico de cultura,

²² EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2011.

²³ ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

²⁴ COELHO, Teixeira. **A Cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

observava a cultura ou civilização como um todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e outras capacidades ou atitudes adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade.

Já no século XIX o conceito de cultura começa a deixar de ser um sinônimo de civilização. Dessa forma, não mais cabendo o sentido de norma e descrição, como era visto na França e na Alemanha, a ideia de cultura passa a se deslocar do eixo individual para o social.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2012)²⁵ a desconstrução do conceito de cultura nas Ciências Sociais culmina no século XX. Esse processo, vivenciado pela sociedade europeia, Bauman (2012) determina como o moderno desencantamento do mundo. O resultado dessa discussão foi a naturalização da cultura, quando o mundo passou a ser visto à imagem dos homens.

Ao final do século XX a cultura como identidade torna-se o “moderno” sentido de cultura. Bauman (2012) aponta que com o apogeu de novas tecnologias, como de transporte e de informação, os padrões foram sendo fragmentados e os símbolos passaram a flutuar livremente. Assim, “a cultura” passou a ser tratada como “uma fábrica e abrigo da identidade” (BAUMAN, 2012, p.33). Nesse estágio, a cultura de massa começa a ser mais marcante na vida das pessoas e assume um papel em total conveniência com o capitalismo.

Essa fase traz à tona o fenômeno da indústria cultural ou indústria do lazer. Nas palavras de Jesus Martin Barbero (1997, p. 68), a indústria cultural é “a identificação com a fórmula, repetição da fórmula. Reduzida a cultura, a arte se fará “acessível ao povo como os parques”.

A modernidade ampliou o alcance da mobilidade e o enfraquecimento da influência da localidade e das redes de interação. Assim, a modernidade é marcada por “comunidades imaginadas, orientadas, de identidades culturais ‘compostas’, postuladas ou construídas.” (BAUMAN, 2012, p. 34).

Com a incidência do capital, das indústrias do lazer, surge uma nova nomenclatura, a cultura de massa, uma cultura fabricada pelos meios de comunicação de massa com o intuito de uniformizar os comportamentos, instigar o desenvolvimento do consumo, criar uma sociedade dirigida pelo “espetáculo”, em especial o das artes. É importante frisar que o termo não surge de

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

repente, mas a partir da ideia de cultura popular. Martin Barbero (1997, p. 169)²⁶ expõe que “a cultura de massa é senão um processo de vulgarização e decadência da cultura culta”.

As “massas”, que nascem com a modernidade, refletem a ambição de dissolver muitas e diferentes identidades. O fato é que os produtos culturais circulam livremente. Isso significa que as identidades estão deslocadas, fluídas, híbridas. Porém, isso não significa o fim das identidades culturais.

Mobilidade, desarraigamento e disponibilidade/acessibilidade global dos padrões e produtos culturais constituem agora a “realidade primária” da cultura; como identidades culturais distintas, só podem emergir como resultados de uma longa cadeia de “processos secundários” de escolha, retenção e recombinação seletivas (os quais, o que é mais importante, não são bloqueados quando a identidade em questão de fato emerge) (BAUMAN, 2012, p.74).

Ainda de acordo com Bauman (2012), as identidades não se apoiam nas singularidades de suas características. Elas insistem em cada vez mais selecionar, reciclar, rearranjar o material cultural.

Indo na mesma direção de pensamento, Stuart Hall (2005)²⁷ cita que as tradições deixaram de estabelecer um equilíbrio no homem moderno que aprendeu a ser livre dos seus apoios estáveis. A translação de culturas por meio do fator globalizante, fez com que os homens interagissem mais e trocassem seus símbolos com mais frequência.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens, internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2005, p. 75).

Jameson (1997)²⁸ vai mais adiante e diz que a cultura não é mais vista na contemporaneidade como autônoma dentro de uma organização social. Nesse novo estágio, a cultura é a lógica do sistema, do capital. Benjamin Abdala (2004)²⁹ coloca que tudo no império do

²⁶ BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às imediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

²⁷ HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

²⁸ JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

²⁹ ABDALA JUNIOR, Benjamim (org). **Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

capital pode ser transformado em mercadoria e a criação de novos bens simbólicos favorece o aparecimento de novos padrões de consumo.

A influência dos mercados capitais, da globalização no campo da cultura é vista por Milton Santos (2000)³⁰ como uma grande “fábrica de perversidades”. Para esse autor a globalização produz um mundo fabuloso onde o discurso e as técnicas de informação ditam hegemonias totalitárias. Nesse sistema de competição e consumo os espíritos ficam confusos e perdem o entendimento do mundo, do lugar, do país, da sociedade e de cada um.

São dados de um mundo físico fabricado pelos homens, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Seus fundamentos são a informação e o seu império, que encontram alicerce na produção de imagens e do imaginário, e se põem ao serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal. (SANTOS, 2000, p. 09).

Partilhando do mesmo pensamento, Conceição (2007)³¹ afirma que cultura ao invés de se emancipar, passou a alienar de forma a resultar em um dos grilhões que passaram a atrapalhar a conquista de outros espaços. Esse autor completa dizendo que a cultura popular perdeu a sua função subjetiva, a sua aura e qualquer razão ideologicamente emancipatória.

Diante dessas colocações, Abdala (2004) vai dizer que em termos culturais o mundo se “crioliza”, ou seja, torna-se mais mestiço, mesclado, abrindo-se cada vez mais para a mistura, para a consideração das formulações híbridas.

Os relatos acima ainda são insuficientes quanto à infinidade da discussão do significado do conceito de cultura. Talvez não aja uma definição palpável. Como expõe Coelho (2008, p.17) talvez “cultura não é o todo. Nem tudo é cultura. Cultura é a parte do todo, e nem mesmo a maior parte do todo – hoje”.

1.3 Cultura e Memória

³⁰ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único a consciência universal. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

³¹ CONCEIÇÃO, Fernando. **Cultura como alienação**. “Power and Black Organizing in Brazil”. In REITER and MITCHELL (Orgs). *Brazil’s New Racial Politics*. Boulder, Colorado, USA: Lynne Rienner Publishers, Inc, 2010. Versão em português: “Cultura como alienação”. In Revista USP, São Paulo, 2007

Ao falar de cultura é relevante reconhecer a importância do campo da memória para a conservação, representação da formação cultural e histórica de um determinado lugar ou até mesmo para o campo das festas, o que é estudado nessa dissertação, em especial a Festa dos Vaqueiros de Curaçá.

As celebrações são rituais de comunicação que englobam sentimentos de pertencimento, identidade, potenciais simbólicos e de recordação. Através de um ritual festivo a memória de um grupo pode ser repassada por meio das lembranças que são vividas dentro do ambiente da comemoração. Como coloca Cunha (2002, p. 11) “a festa constitui, nesta ótica, uma espécie de repositório da continuidade para o qual muitas imagens, metáforas e exercícios morfológicos continuam sendo empreendidos”.

Porém, a memória também é uma (re)criação de um passado, como ressalta Bosi (1994, p. 55) “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”.

Zumthor (1997) ao falar de memória afirma que os tipos de culturas existentes são, em grande parte, determinados pela memória.

O uso que se faz da memória, neste ou aquele contexto social ou tecnológico, o gênero de funcionamento que neste caso caracteriza, a ideia que disso formam os indivíduos, determinam em grande parte o tipo de cultura em questão (ZUMTHOR, 1997, p. 14).

Falar de memória é também falar sobre esquecimento. Zumthor (1997) enfatiza que a memória e o esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação. O esquecimento seleciona, mas também torna-se um fator positivo e integrado no desenrolar de uma atividade fecunda. Memória e esquecimento não deixam de ser um polo de tensão “entre o que mantém a tradição e o que ela preferiu esquecer” (ZUMTHOR, 1997:21).

No conteúdo da memória, para o autor, há transmissão de um “tema”, de um “motivo”, de uma configuração imaginária não aleatória, de um conjunto ordenado e organizado de sugestões representativas, afetivas, prospectivas.

Tendo em vista o município de Curaçá e a representação cultural que a Festa dos Vaqueiros adquiriu com o passar dos anos, percebe-se que em torno da figura do vaqueiro foi criado todo um imaginário que permanece ainda vivo como um sistema de representação coletiva.

Os vaqueiros de Curaçá compartilham de símbolos sociais, culturais, econômicos, históricos, de outros vaqueiros que não necessariamente habitam no mesmo território. Pensaento (1995) escreve que, a rigor, todas as sociedades, ao longo da história, produziram suas próprias representações globais.

Trata-se da elaboração de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta dos seus membros (PENSAVENTO, 1995, p. 16).

A autora expõe ainda que é próprio do imaginário passar do simbólico ao físico e ser as duas coisas ao mesmo tempo. O trabalho do vaqueiro no campo e seus objetos, oriundos geralmente do couro, logo adentraram no imaginário popular criando um universo de paisagens, pinturas, poesias, festas, causos, que formatam todo um campo simbólico, místico, em torno da sua imagem.

Contudo, em meio à coletividade da memória, apesar da troca de contatos e símbolos que acontece dentro de uma cultura ou dentro de um ambiente festivo, como coloca Bosi (1994, p. 466) “só fica o que significa”.

1.4 A Cultura, o Popular da Cultura e o sentido das Festas

Faz-se mister refletir um pouco mais sobre conceitos que perpassam o imaginário do campo da cultura, como os significados de popular e, em especial, o de festa. A proposta é compreender o ‘lugar do festejar’ nas sociedades, como a brasileira.

Peter Burke (1989)³² diz que no século XVI a cultura popular era a cultura de todo mundo, uma segunda cultura para os instruídos e a única cultura para os demais. A descoberta da cultura popular se deu nas camadas mais baixas da sociedade, no *folk* ou povo que era considerado exótico, primitivo e inculto, mas que fugia das regras clássicas.

Para alguns intelectuais, principalmente no final do século XVIII, o povo era interessante de uma certa forma exótica; no início do século XIX, em contraposição, havia um culto ao povo, no sentido de que os intelectuais se identificavam com ele e tentavam imitá-lo (BURKE, 1989, p. 37).

Ressalta, ainda, que:

³² BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Assim, a diferença cultural crucial nos inícios da Europa Moderna (quero argumentar) estava entre a maioria, para quem a cultura popular era a única cultura, e a maioria, que tinha acesso à grande tradição, mas que participava da pequena tradição enquanto uma segunda cultura. Para a elite as duas tradições tinham funções psicológicas diferentes: a grande tradição era séria, a pequena tradição era diversão. (BURKE, 1989, p. 55).

O povo, caracterizado nessa época pelos camponeses, recebia uma tradição diferente da elite. Esta ganhava uma tradição vinda das universidades, por meio de uma linguagem mais científica e clássica. Já as camadas mais baixas recebiam uma tradição que tinha como base a oralidade, pois a escrita muitas vezes não fazia parte do cotidiano dessas pessoas. A oralidade era transmitida informalmente, e estava disponível a todos que se encontravam nas igrejas, nas tavernas e nas praças dos mercados, onde, segundo Burke (1989), ocorriam diversas apresentações.

Sobre a cultura popular, Chartier (1995)³³ diz que se tratava de uma categoria dos ditos eruditos, portanto um conceito não construído pelos seus próprios autores. O autor afirma que entre os anos de 1600 ou 1650 os Estados absolutistas, centralizadores e unificadores, as igrejas Católica e Protestante teriam abafado ou recalcado a exuberância inventiva de uma antiga cultura do povo. Ao impor disciplinas e comportamentos os Estados e as Igrejas teriam destruído as raízes do modo tradicional de ver e viver o mundo.

Chartier (1995) observa a cultura popular como um jogo de apropriações, ou seja, um espaço de reproduções e de enfrentamento de relações.

Compreender “cultura popular” significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos; de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes, desqualificam) sua cultura como interior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto (CHATIER, 1995, p.7).

Vale destacar que o popular foi visto por muitos folcloristas e etnógrafos, como parte integrante da tradição ou até mesmo o seu todo. Dessa forma, os sentidos de popular e tradição em determinados momentos estiveram unidos. Analisando o formato e o desenvolvimento histórico e social das tradições, Hobsbawn (1984)³⁴ afirma que as tradições também podem ser ocasionadas por

³³ CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

³⁴ HOBBSAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.9-23.

um processo de invenção. É interessante pensar esse processo dentro dos estudos das festas, pois elas não nascem sem uma intenção. A festa, como já foi dito, é um fenômeno que agrega diversos valores e opiniões que percorrem o universo ideológico, sendo que seus significados podem ser inventados. Sobre “a invenção das tradições”, Hobsbawn expõe que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSEBAWN, 1984, p. 02).

Nesta perspectiva que Hobsbawn traz sobre a invenção das tradições, o historiador Albuquerque Jr (2011)³⁵, ao analisar os estudos sociais sobre as festas, afirma que as festas são produtos de construções e invenções práticas e discursivas alojadas em um determinado tempo na qual elas aconteceram, foram nomeadas, instituídas e legitimadas.

Mas elas são campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 148).

As festas são marcadoras de espaço, instituem lugares, associam a ideia de memória, pertencimento, identidade e sentimento de um povo. “A festa é um universal da cultura, estando entre as manifestações que mais produzem o ‘próprio homem’”. (CAVALCANTI, 2013, p. 14)³⁶.

Na Idade Média o Carnaval já era considerado a vida festiva da sociedade. Bakhtin (1987), em um dos clássicos sobre o estudo da cultura popular e do riso, ressalta que

As festividades (qualquer que seja seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiam sempre uma concepção de mundo (BAKHTIN, 1987, p. 07).

As celebrações também tem uma relação marcada com o tempo. Segundo Bakhtin (1987)³⁷, as festas encontram-se emanadas a determinadas concepções do tempo natural (cósmico),

³⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Festas para que te quero**: Por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória: UNESP- FCLAs-CEDAP, V.7, n.1, p, 134-150, jun. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147/147>> Acesso em 14. jan.2015.

³⁶ CAVALCANTI, Bruno César. **Novos Lugares da Festa**: Tradições e Mercados. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

biológico e histórico. As manifestações festivas marcavam momentos da vida da natureza, como as festas da colheita, a morte, a ressurreição, o homem, períodos de crise na sociedade.

As festas dividem ainda o campo do real com o das ideias. Como expressa Sant'Anna (2013, p. 23) “a festa marca um ruptura no tempo “ordinário”, instaurando um tempo “reversível” e sempre renovado no qual o evento sagrado de novo acontece”. Para Bakhtin (1987) o sentido do festejar deve emanar não do mundo dos meios, mas dos fins superiores da existência humana ou mundo das ideias. “Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância” (BAKHTIN, 1987, p. 08).

As festas brasileiras começaram a se legitimar antes mesmos de sermos Brasil. Miguez (2013)³⁸ explica que essa ideia de país da festa é garantida historicamente através dos repertórios festivos dos índios, que aqui habitavam, como também dos portugueses e negros que atravessaram o Atlântico.

A festa é a melhor tradução do que somos, os brasileiros, como povo, como cultura. Sagradas, profanas ou em trânsito tenso e intenso entre estas duas dimensões, mobilizando pequenas comunidades ou reunindo grandes multidões, as festas públicas brasileiras constituem um amplo e vigoroso e colorido caleidoscópio que reúne das celebrações em louvor aos santos padroeiros realizadas nos pequenos povoados aos grandes carnavais, as festividades juninas do Nordeste, aos festivais amazônicos e dos estados do Sul do país (MIGUEZ, 2013, p. 08).

Ainda sobre as festas brasileiras, no Brasil Colônia, Albuquerque Jr (2011) comenta que eram momentos de encontros e confraternização das nossas diferenças, momentos estes marcados pela transição de convivência harmônica das distintas ordens e hierarquias que dividiriam a realidade brasileira naquela época.

Sendo assim, as festas no Brasil “seriam marcadas pelo colorido, pela diversidade, pela multiplicidade, de manifestações, de gentes, de atividades, de vestimentas, de quitutes, de gestos, de crenças” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 138).

³⁷ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987, p. 1-50.

³⁸ MIGUEZ, Paulo. Aos Leitores. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

Durante o período da colonização brasileira as festas foram empregadas na mediação cultural e comunicativa entre os europeus e os povos que aqui habitavam. Nesse período, os festejos eram organizados pela Igreja Católica. A Igreja controlava e tornava obrigatória a participação de todos os membros da comunidade nos dias de festa. Através de variados ritmos, danças e credos as festividades foram se consolidando na memória cultural da população brasileira, o que protagoniza uma grande diversidade de celebrações no país.

Desde o princípio da colonização brasileira as festas serviram como “modos de ação”, seja para catequizar índios, seja para tornar suportáveis, aos portugueses e demais estrangeiros, as agruras da experiência do enfrentamento de uma natureza desconhecida e selvagem, com povo, clima, plantas e animais estranhos. Ela foi importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo síntese das mediações, especialmente entre a natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja católica imperava politicamente e as procissões e festas e santos eram praticamente intermináveis (AMARAL, 1998, p. 58-59)³⁹.

Ainda no Brasil Colonial as festas assumiram um caráter apaziguador de tensões. As divisões hierárquicas e étnicas reproduziam todo um contexto que segmentava as camadas sociais. Nos dias festivos, como expõe Albuquerque Jr (2011), a ordem social se relativizava, através do contato das diferentes culturas, e ao mesmo tempo criava um campo de ‘convívio fraterno’ entre as gentes.

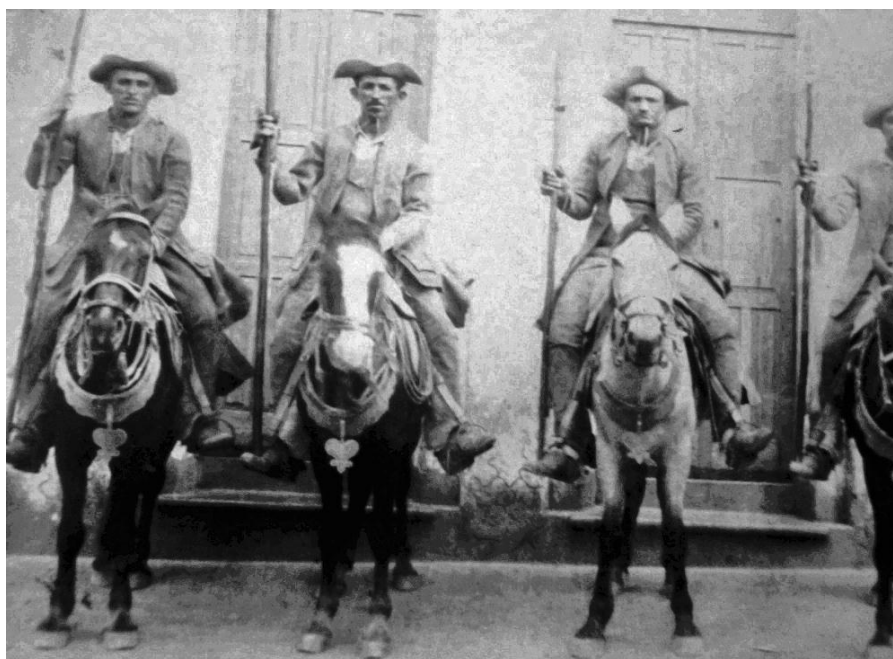
As festas brasileiras, segundo esse autor, são produtos do encontro cultural, emocional e psicológico das “três raças formadoras” do povo brasileiro e, ainda mais, revelariam o caráter mestiço de ser da sociedade. Amaral (1998) afirma também que as festas populares no Brasil se formaram justamente por causa das diferenças culturais existentes de um grupo para outro, bem como, através da participação de múltiplos atores anônimos e do barulhento uso de ritmos e danças.

Observando o cenário do Nordeste do Brasil, onde está inserida a Festa dos Vaqueiros de Curaçá, temos como uma das principais manifestações festivas a vaquejada, e isso em virtude da presença massiva do vaqueiro e dos símbolos que ajudaram a compor a sua cultura, como o gado bovino.

³⁹ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira**. Significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 382f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

À figura do boi associada a sua relação com o vaqueiro, deu origem a um imaginário popular próprio do Nordeste brasileiro, contribuindo de forma exemplar para a construção de uma tradição oral revestida de causos, histórias, aboios, músicas, entre outros elementos, que compõe um universo fantástico, religioso, festivo, supersticioso e mítico.

Figura 9 – Vaqueiros de Curaçá



Fonte: Acervo do Museu Municipal de Curaçá Auristela Torres – Vaqueiros de Curaçá totalmente vestidos com os trajes de trabalho na Caatinga durante os primeiros anos da Festa dos Vaqueiros. Não há data para o registro.

Sobre essa tradição, Albuquerque Jr (2007)⁴⁰ afirma que o Nordeste é uma espacialidade originada historicamente por uma tradição de pensamentos, de uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. Para o autor a cultura popular do Nordeste é, nesse caso, fundamentada na saudade e na tradição. “Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos Nordeste” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 79).

O historiador enfatiza ainda que “o Nordeste, espaço da saudade, da tradição, foi também inventado pelo romance, pela música, pela poesia, pela pintura, pelo teatro etc.” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 122).

⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras Artes. São Paulo: Cortez, 2011.

O Nordeste, para Albuquerque Jr (2007), se construiu também em cima de paisagens depressivas, de tipos humanos renegados por um lado a uma aristocracia rude e por outro ao papel de guerreiros e valentes. Alguns desses estereótipos são os beatos, os cangaceiros, os vaqueiros.

De acordo com o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1976)⁴¹ na sua obra *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*, era comum a ocorrência de festas, como as apartações e as derrubadas de boi, no interior do Nordeste brasileiro. Entretanto, essas festividades, que eram realizadas no ambiente fechado das caatingas, não tinham como objetivo principal servir de diversão para os que participavam delas. Nesse sentido, as festas de apartação eram encaradas como uma parte do ofício do vaqueiro que de tempos em tempos tinha que reunir o gado do patrão e fazer o processo de identificação dos animais através da marcação com ferro.

Cascudo (1984)⁴² na sua obra *“Vaqueiros e Cantadores”*, explica melhor como eram realizadas as “festas” de apartação no sertão nordestino.

A “apartação” consistia na identificação do gado de cada patrão dos vaqueiros presentes. Marcados pelo “ferro” na anca, o “sinal” recortado na orelha, a “letra” da ribeira, o animal era desconhecido e entregue ao vaqueiro. A reunião de tantos homens, ausência de divertimentos, a distancia vencida, tudo concorria para aproveitar-se o momento. Em um jantar sem fim, farto e pesado, bebidas de vinho tinto e genebra, aguardente e “cachimbo” (aguardente com mel de abelha). Antes, pela manhã e mais habitualmente à tarde, corria-se o gado (CASCUDO, 1984, p. 106).

Todavia, a festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino foi a vaquejada. Cascudo (1976) coloca que a forma de vaquejada que mais prevaleceu no Nordeste brasileiro foi a derrubada de boi pela cauda, que não fora herdada da colonização portuguesa, mas da espanhola. Entretanto, na região banhada pelo rio São Francisco existia um estilo diferente de se derrubar o boi. Os vaqueiros dessa região derrubavam o animal pelo chifre por meio da aguilhada, que era uma longa vara com um afiado ferrão.

A VAQUEJADA, caracterizada pela *saída*, puxão pela *saia*, queda-de-rabo, acredito ser de origem espanhola, atestada por D. José Maria Cossio e D. José Daza, citados na carta do Prof. Luís de Hoyos Sáiz. Não se transmitiu a Portugal. Desapareceu na Espanha, mas reside nas terras d’América entre as populações pastoris do antigo domínio colonial (CASCUDO, 1976, p. 31).

⁴¹ CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1976.

⁴² CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

No município de Curaçá a vaquejada pouco foi praticada. Nos registros pesquisados foi encontrada a incidência de pegas de boi na caatinga fechada e das corridas de prado e corridas de argolinhas. A festa que ganhou destaque no município foi a Festa dos Vaqueiros, nesse contexto de festa genuinamente sertaneja ou que carrega elementos da convivência dos vaqueiros com os animais.

A vaquejada e Festa dos Vaqueiros de Curaçá tem elementos que se interagem, como a participação do vaqueiro, a presença do boi, porém na Festa dos Vaqueiros não acontece a derrubada de boi. O festejo segue um ritual criado pelos seus participantes que vai desde o Desfile dos Vaqueiros, a Missa Campal, o Forró da Espora ao Almoço na Fazenda Saudade. Talvez uma lembrança da vaquejada dentro da Festa dos Vaqueiros seria a corrida de prado e de argolinhas realizadas em algumas edições da festa.

Há 62 anos a Festa dos Vaqueiros de Curaçá-BA tornou-se uma das festas mais populares do Vale do São Francisco. O festejo, com o passar dos anos, atingiu outras regiões da Bahia e também do Brasil. Talvez essa expansão da festa tenha ligação com a presença de políticos no círculo festivo. Apesar da festa ainda manter viva a tradição de conclamar a vaqueirama, que com suas vestes tradicionais feitas de couro, próprias para a labuta na caatinga, nas fazendas, embelezam as ruas e avenidas de Curaçá, é notório que algumas transformações e novos símbolos foram sendo articulados ao festejo.

No segundo capítulo será tratada a formação das conjunturas políticas nos berços familiares de Curaçá para uma reflexão sobre quais os usos e abusos o poder político tem feito no cenário da Festa dos Vaqueiros. No entanto, é importante frisar que essas mudanças não serão vistas como algo negativo, mas de forma reflexiva visto que é próprio da cultura a dinâmica. O que se pretende é pensar a festa como um campo em que são estabelecidas várias forças que se comungam e ao mesmo tempo reinventam novas percepções, olhares, culturas, saberes.

Capítulo II

É festa no Sertão: O Vaqueiro de Curaçá e sua festa

O tempo das festas pode ser descrito como momento de alegria, bem-estar, felicidade, liberdade e de utopias. A festa se faz em um território lúdico, mas que também revela frustrações, reivindicações e disputas de grupos que compõem uma sociedade.

Del Priori (1994) afirma que além das festas terem como caráter o tempo das fantasias, elas também são suporte para a afirmação da perenidade das instituições de poder. No período colonial do Brasil, era durante as festividades que as famílias e os indivíduos, que politicamente exerciam poder na sociedade, afirmavam seus espaços. Essa pode ser uma das heranças coloniais ainda presentes no cotidiano das festas tradicionais brasileiras.

A festa efetivamente possibilitava ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. Tudo é reforçado pela ostentação do luxo e distribuição de riquezas. O indivíduo ou grupo de família afirmavam com a sua participação nas festas públicas seu lugar na cidade e na sociedade política. (DEL PRIORI, 1994, p. 37).

Ainda no período colonial, essa autora enfatiza que o calendário festivo era como uma ponte simbólica entre o profano e o sagrado. Através das festas a Igreja e o Estado moldavam as formas de sociabilidade e psicológica dos colonos.

Festas e procissões, na Colônia ou Velho Continente, permitiam, sem dúvida, a todas as camadas sociais o divertimento, a fantasia e o lazer. Mas não só. Havia vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa, dando persistência a certas maneiras de pensar, de ver e de sentir. A mistura entre o sacro e o profano valia para diminuir e caricaturizar o pagão, o inculto, o diferente do europeu branco e civilizado. (DEL PRIORI, 1994, p. 49).

No sertão nordestino, as festas integram todo um imaginário popular. Em se tratando das festas de vaquejadas, uma das mais tradicionais do sertão nordestino, tem-se a figura do boi associada ao vaqueiro, como um dos elementos constituintes de uma tradição oral revestida de causos, histórias, aboios, músicas, e outros elementos que compõem um universo fantástico, religioso, supersticioso e mítico próprio do sertão. O universo do sertão repleto de imaginação, de religiosidade, tornou-se um campo favorável aos espaços do festejar.

No sertão da Bahia, precisamente na cidade de Curaçá, até o ano de 1953 não havia nenhuma festividade, aparentemente conhecida, que homenageasse os homens do campo, os vaqueiros. Lopes (2000) cita que as comemorações dos vaqueiros eram sempre feitas no próprio cotidiano das fazendas, nas conhecidas pegadas de boi.

No ano de 1953⁴³ a população de Curaçá festejou o seu centenário. Em homenagem a essa data foram realizadas diversas apresentações em alguns dos principais espaços da cidade, como no Cais (Orla da cidade), com alguns dos elementos que constituíam a cultura popular do município. Dentre os elementos culturais de Curaçá foram homenageados nesta data os índios, os beiradeiros⁴⁴, e os vaqueiros. Sobre o assunto o ex- morador de Curaçá e memorialista da cidade, Omar Dias Torres (67 anos), popular Babá, diz:

E nessa apresentação dos componentes da cultura de Curaçá vieram os vaqueiros. Um grupo que não me recordo de quantos, eu era muito menino. Mas houve um desfile com os vaqueiros representando o segmento. E isso foi uma coisa que marcou muito. O pessoal achou muito bonito, porque tinha muita gente de fora, de cidade grande, muita gente de Curaçá que morava em capital e em outros lugares distantes que desconheciam a vida do vaqueiro com sua indumentária, tal como apresentado. (Torres, 2010)⁴⁵

Segundo o depoimento de Theodomiro Mendes Filho⁴⁶ (47 anos), que é filho do ex-prefeito de Curaçá Theodomiro Mendes⁴⁷, e por mais de 20 anos esteve à frente da organização da

⁴³ Como já foi dito, durante a pesquisa foi constatado que os moradores de Curaçá em 1953 comemoraram o centenário da cidade tendo como referência o ano de 1853 quando foi transferida a sede de Pambu para o Sítio Bom Jesus da Boa Morte. Atualmente o aniversário da cidade tem como data o ano de 1832 quando foi fundado o município de Curaçá com sede em Pambu. Sendo assim, a Festa dos Vaqueiros de Curaçá foi criada em comemoração ao centenário da cidade tendo em vista o ano de 1853.

⁴⁴ Segundo Esmeraldo Lopes (1997) na sua obra Opara: Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco, os beiradeiros eram pessoas originárias de agrupamentos indígenas e africanos. Sua vida estava atrelada ao rio, ou seja, sobreviviam conforme o período de cheia ou de seca. Os beiradeiros praticavam a agricultura e geralmente sofriam ameaças dos fazendeiros, que em tempos de seca colocavam seus animais para pastar nas suas propriedades. Os beiradeiros eram vistos pela população como pessoas inferiores, ocupando uma posição de desprezo maior que o vaqueiro.

³ O depoimento de Omar Dias Torres, popular Babá, foi realizado em 11 de Setembro de 2010 na sua residência em Petrolina-PE e também no dia 16 de setembro 2015. Babá é um memorialista da cidade e sua profissão é Administrador de Empresas. Seu depoimento foi colhido para o trabalho de conclusão do curso Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina.

⁴ Theodomiro Mendes Filho foi um dos organizadores da Festa dos Vaqueiros e também foi membro da Sociedade dos Vaqueiros por mais de 20 anos. É vereador da cidade de Curaçá pelo Partido Republicano (PR). Sua entrevista foi concedida na sua residência em Julho de 2009 e também em março de 2016.

⁴⁷ Theodomiro Mendes foi prefeito de Curaçá por duas vezes. O primeiro mandato foi entre 1977 a 1983. O segundo mandato entre 1989 a 1992.

celebração como sócio e depois presidente da Sociedade dos Vaqueiros, na primeira Festa dos Vaqueiros estavam presentes cerca de quarenta participantes, totalmente uniformizados com roupas de couro, vestimenta própria do homem do sertão ou de quem trabalha na caatinga. Para dar mais ênfase à apresentação, os vaqueiros trouxeram a mostra suas principais ferramentas de trabalho, além do cavalo totalmente pronto nos arreios. Neste dia, os vaqueiros fizeram exposição de objetos como:

(...) chapéu, gibão, perneira, peitoral, sapato de couro, garupeira guiada, corda, serrote, facão, faca, alforje, machadinho, flêmo, frasco de mercúrio, tabaqueiro de torrado, copo de chifre, buzo, jogo de peias, chocalho, mochila para milho. (LOPES, 2000, p. 40).

O couro foi a matéria-prima mais utilizada pelos vaqueiros. Lopes (1997) no livro *Opara: Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco* expõe que, devido às características da vegetação e do tipo de trabalho, os vaqueiros passaram a usar o couro para fazer à sua roupa, a porta da casa, a cama, o chapéu e a mochila. Para especificar melhor o valor que o couro tinha como matéria-prima para o trabalhador do campo no Nordeste brasileiro, segue-se um trecho retirado do livro de Darcy Ribeiro (2007), *O Povo Brasileiro a formação e o sentido do Brasil* citando Capistrano de Abreu (1959).

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde, a cama para os partos: de couro, todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para aguardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por pontas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. (RIBEIRO, 2007: 306).

No município de Curaçá ainda é possível encontrar vaqueiros usando os tradicionais trajes de couro tanto no dia-a-dia do trabalho na Caatinga, como em dias de festa, sendo que o chapéu de couro é o item mais utilizado. O antropólogo Washington Queiroz afirma que o vestuário do vaqueiro é o único traje de trabalho colonial ainda em uso. “É um traje de trabalho de 465 anos! Portanto, o mais antigo do país em uso”. (QUEIROZ, 2014, p. 253).

Ainda sobre o primeiro encontro dos vaqueiros de Curaçá, em 1953, nos depoimentos colhidos tem-se que: os vaqueiros saíram em desfile pelas principais ruas da cidade juntamente com algumas escolas. No final do evento foi servido um almoço na fazenda do senhor Sindolfo Rosa (um dos fundadores da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá) para todos os participantes do desfile.

O fato ficou tão marcado na memória do povo de Curaçá que no ano seguinte os vaqueiros foram novamente convidados para mais uma apresentação na cidade. Porém, desta vez, a apresentação dos vaqueiros foi realizada no dia 2 de julho, data em que se comemora a Independência da Bahia. Sobre essa comemoração, em depoimento Omar Dias Torres disse:

Nessa época havia forte comemoração do dois de julho na Bahia como um todo e em Curaçá também. As escolas desfilavam havia toda uma apresentação para marcar a presença da data. E mais uma vez os vaqueiros foram chamados a vir representar, até porque na verdadeira guerra de Independência da Bahia, em combates, houve forte participação de vaqueiros. Então, a partir daí foi se consolidando esse costume de todo 2 de julho trazer os vaqueiros para Curaçá. (Torres, 2010).

O dia 2 de julho na Bahia é uma data em que se comemora o mesmo sentido de independência e liberdade tão celebrado no feriado de 7 de Setembro. Segundo Albuquerque (1999) ao tratar do dia 2 de julho os memorialistas ressaltavam que enquanto na Bahia os conflitos com os portugueses deixaram “as estradas alagadas de sangue”, no Sul, apenas “salões repletos de flores” sinalizavam o suposto fim do vínculo com a colônia.

Lopes (2000) menciona também como eram os primeiros anos da Festa dos Vaqueiros de Curaçá:

Os aboios, onde houvesse vaqueiro, o dia todo. A rua para os cavalos, o povo que se desviasse. À tarde, as corridas, a escolha do cavalo mais bonito, a escolha do vaqueiro melhor encourado, os prêmios. O povo da rua vendo, aplaudindo, admirando, se orgulhando. De noite as danças. Forró para todo lado. Vaqueiro não pagava em canto nenhum. Documento de vaqueirice: o peitoral. Alguns se acompanhavam de chicote, de espora, ainda nos couros. Festa de Vaqueiro. (LOPES, 2000, p. 41).

O aboio sempre foi a música entoada pelos vaqueiros de Curaçá no dia da sua festa. Esse estilo musical é decorrente em todo território do Sertão Nordestino. De acordo com o folclorista Câmara Cascudo (1984), os aboios são versos espelhos da mentalidade do Sertão. Sobre a figura do cantador que cria e entoa o aboio, este autor enfatiza que:

O cantador é a defesa única mais completa e contínua do animal perseguido. Os lances de coragem, as arrancadas doidas, os saltos magníficos, a valentia de vaqueiros ou caçadores, a covardia de uns, a imperícia de outros, arrogância, mentira, timidez, todos os aspectos morais são examinados duramente e expostos com nomes próprios e minúcias identificadoras. Os animais são perseguidores também estão vivendo na “gesta”. Cavalos, cães, éguas são mencionados com orgulho, indicando-lhes

a moradia, os donos, as proezas, as vitórias e os insucessos. (CASCUDO, 1984, p. 15).

Para Cascudo a poesia tradicional sertaneja, o aboio, nasce do ciclo do gado e também da memória dos mais velhos.

Os motivos da poesia tradicional sertaneja só podiam ser, evidentemente, os emanados do ciclo social, do ciclo do gado, da memória velha que guardara os romances primitivamente cantados nos primeiros cupiares erguidos na solidão do Brasil nordestino. (CASCUDO, 1984, p. 18).

O enredo dos aboios geralmente são histórias do cotidiano que mostram o cenário do trabalho pastoril. Cascudo explica que o sertanejo ama as histórias dos bichos, macacos, camaleões, tamanduás, raposas, preás, vinte outros, falando governando, discutindo, casando, brigando como homens. “Esses romances de bichos tem efeito seguro no humorismo sertanejo. Riem descompassadamente, como grandes crianças, ouvindo o casamento da catita com o calango ou a discussão do urubu com o bode”. (CASCUDO, 1984, p. 18).

Os aboios, ainda segundo o folclorista, são cantos em versos provavelmente de origem moura, berbere, da África setentrional, e que vieram para o Brasil possivelmente da Ilha da Madeira. A necessidade de criar essa forma de canto foi justamente para ajudar na condução do gado até os currais e também na interação entre os vaqueiros.

O aboio é um entoar lento e de poucos fonemas que são preenchidos por pequenas expressões cantadas lentamente por uma voz encorpada e alta como: Ô boi, Ê Gado manso; Fasta pra lá boi.

“Ô...ê...

Eu nasci para ser vaqueiro

E adoro a minha profissão

Quando eu monto em meu cavalo

Quando eu tomo meu gibão

Me pego logo com Deus

Pra honrar minha profissão

Ê... boi, oi ê.. i... a...”

“Ô...ê...meniná

Meniná eu quero um beijo
Só não quero no pescoço
Quero no bico do peito
Que é lugar que não tem osso
Que já to ficando veio
Prá lembrar que já fui moço
Ê...ê...ô...ô..."

(Aboios do Sr. Bernadino Rodrigues dos Santos. IN: LOPES, 2000, p. 41).

"Afaste pra lá, vaca preta, da cabeça manchetada, o pouco com deus é muito e o muito sem deus é nada...ô... ô... ô... ei... ô...". (Aboio cantado pelo vaqueiro Luís Antônio dos Santos em depoimento no dia 27 de Novembro de 2010).

Ao longo dos anos, os vaqueiros de Curaçá passaram a se reunir e realizar suas festividades sempre no feriado da Independência da Bahia. A Festa do Vaqueiro foi adquirindo novos espaços além do tradicional desfile pelas principais avenidas da cidade. Como os participantes também queriam se divertir no encontro, os organizadores da festa resolveram criar o Forró Da Espora e as Corridas de Prado. No início da década de 1960 também começou a ser realizada uma Missa Campal na Igreja Matriz de Curaçá.

Em depoimento, Omar Dias Torres lembrou que a missa ganhou notoriedade com o padre José Luna, que era vigário da paróquia de Curaçá. O padre era bastante respeitado pelos devotos e também pelos vaqueiros nos dias de festa. Conta Babá que era costume do padre ir aconselhar os vaqueiros para não beberem durante os forrós para que no outro dia não faltassem à missa.

Por essa época o vigário da cidade, Padre José Luna, que tinha uma visão mais ampla e tinha um poder de influencia muito grande em Curaçá, o padre envolveu muito os vaqueiros na celebração religiosa. Isso início dos anos 1960. Padre José desenvolveu uma liderança muito forte no município. Eu me lembro que naquela época para comungar a pessoa não podia ter bebido. Eu lembro do padre José indo as forrós falar com os vaqueiros para não beberem para no outro dia estarem na missa. E ele era muito atendido por que tinha uma visão moral muito forte entre os vaqueiros. A Missa Dos Vaqueiros era o ponto alto da Festa dos Vaqueiros. (TORRES, 2016).

No ano de 1972, segundo o vaqueiro Luís Antônio dos Santos, popular Luís da Veneza, aconteceu durante a missa a celebração do casamento de um vaqueiro. O fato foi inédito. O noivo apresentou-se a caráter, ou seja, com as vestes de couro. Sobre o assunto, Luís Antônio dos Santos disse: “O casamento de Paulo foi, eu acho, que em 1972. O pai dele que fez ele casar assim, no dia da festa e todo encorado (risos)”⁴⁸.

Figura 10 – Casamento do Vaqueiro Paulo



Fonte: Acervo particular do senhor Gilberto Bahia Filho

Além da MISSA DO VAQUEIRO, DESFILE e FORRÓ DA ESPORA, outro atrativo da Festa dos Vaqueiros eram as Corridas de Prado. Durante os primeiros anos da festa, tais corridas aconteciam no Campo de Aviação de Curaçá. Em entrevista, o vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho⁴⁹, disse que os vaqueiros corriam totalmente encorados nas berradas do Campo de Aviação com os próprios cavalos utilizados no trabalho nas fazendas. Os prêmios eram doados pelos comerciantes da cidade de Curaçá e geralmente eram ofertadas as ferramentas de trabalho dos vaqueiros como: o chapéu de couro, a sela, a rede, o facão e cadeiras.

Ainda sobre esse assunto o vaqueiro Luís Antônio dos Santos disse o seguinte:

De primeiro tinha corrida, mas era o vaqueiro mesmo que corria. Hoje em dia não tem mais corrida de vaqueiro, quem vem são os de fora para ganhar as corridas com cavalos de raça, naquela época não tinha. Quem mais

⁴⁸ Luís Antônio dos Santos, popular Luís da Veneza, tem 68 anos e é vaqueiro antigo de Curaçá. Seu depoimento foi colhido no dia 27 de Novembro de 2010 na sua residência em Curaçá-Ba.

⁴⁹ Deroaldo Rodrigues de Carvalho tem 58 anos e é vaqueiro de Curaçá. Aposentou-se como policial. Seu depoimento foi colhido no dia 21 de Setembro de 2010 na residência de Alinne Suanne Torres.

ganhou aqui em corrida foi Salomão porque ele tinha um cavalo de raça, mestiço aí batia nos outros. (risos). As corridas eram onde hoje é o Curaçá I, no campo de Aviação. Às vezes a gente ganhava rifa, essas coisas mesmo, mas até dinheiro eles pagavam. (SANTOS, 2010).

Em depoimento Omar Dias Torres revelou que essas corridas não tinham o sentido de provocar disputas, mas de dar aos vaqueiros a oportunidade de se divertirem na sua festa, assim como, apresentar os melhores cavalos corredores da região.

O FORRÓ DA ESPORA logo se tornou um dos mais importantes momentos da Festa dos Vaqueiros de Curaçá. Até meados da década de 1960, o mesmo era realizado no salão Estrela do Norte, localizado no centro da cidade, que pertencia ao senhor Sindolfo Rosa⁵⁰. O vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho recordou que:

Na época do forró de Sindolfo Rosa, os vaqueiros eram poucos. Eu alcancei festa de no mínimo 30 vaqueiros. Não alcancei mais pra trás, no tempo de seu Gilberto Bahia, mas de Sindolfo sim, eu tinha uma amizade muito aconchegante com ele. Vinham 30 e 40 vaqueiros, a refeição era servida na casa dele e depois íamos pro forró. (CARVALHO, 2010).

Figura 11 – Vaqueiros na festa

⁵⁰ O senhor Sindolfo Rosa era vaqueiro de Curaçá e também ajudou a formar a primeira comissão da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá em 1959.



Fonte: Acervo particular do senhor Gilberto Bahia Filho e remete aos primeiros anos da Festa dos Vaqueiros de Curaçá.

No FORRÓ DA ESPORA só participavam vaqueiros que estivessem devidamente trajando roupas de couro. Era o documento de “vaqueirice”. Em depoimento Omar Dias Torres lembrou: “Então todo mundo que chegava ao forró de guarda-peito e chapéu de couro tinha toda uma deferência. Era tratado com deferência justamente por ser o elemento principal da festa, era o dono da festa”.

Lopes (2000) enfatiza também que o vaqueiro não pagava para entrar no FORRÓ DA ESPORA e que bastava apenas se apresentar com o peitoral, objeto de couro que o vaqueiro veste por cima da camisa, para ter direito ao espaço. “Vaqueiro não pagava em canto nenhum. Documento de vaqueirice: o peitoral. Alguns se acompanhavam de chicote, de espora, ainda nos couros. Festa dos Vaqueiros”. (LOPES, 2000, p. 41).

Figura 12 – A primeira Festa dos Vaqueiros de Curaçá em 1953



Fonte: Acervo particular do morador de Curaçá Gilberto Bahia Filho

Então, nos primeiros anos da Festa dos Vaqueiros de Curaçá, a referência principal da comemoração era o vaqueiro. Sua valorização era tamanha que nos dias da festa nenhum vaqueiro podia ser preso. Dessa forma, além dos organizadores se preocuparem com os momentos que faziam parte da festividade, eles também cuidavam da segurança do participante. Sobre esse fato Omar Dias Torres explicou:

Se o vaqueiro fizesse alguma confusão, algazarra, os próprios colegas, a própria direção da festa era quem se encarregava de recolher aquele vaqueiro a alguma casa, casa de parente, algum local sob o controle da própria organização da festa. (TORRES, 2010).

No início a festa tinha um estilo comunitário, as refeições dos participantes eram feitas pelas esposas, namoradas e noivas dos próprios vaqueiros e os alimentos eram doados pela comunidade. As refeições não fugiam à alimentação típica do cotidiano dos vaqueiros feita à base de farinha, rapadura e carne de bode.

Na alimentação dos vaqueiros também estão inclusos diversos pratos feitos com as partes do bode como a buchada, o sarapatel, fígado de bode, espinhaço, carne assada, carne cozida. Temos ainda o leite de cabra e seus derivados o queijo e o requeijão. Ovos e galinha cozida também fazem parte do cardápio das famílias sertanejas.

No livro *Caatingueiros e Caatinga: A agonia de uma Cultura*, do sociólogo Esmeraldo Lopes (2012), consta que a alimentação na casa dos fazendeiros que habitavam o sertão era dividida por períodos de seca e de chuva. No período chuvoso, no verde como se chama no popular, a

alimentação era feita a base do leite e seus derivados. Já no tempo da seca, não se tinha tanta fartura e a alimentação era feita a base de feijão, farinha e rapadura.

No verde, as comidas do verde: leite cozido, cuscuz, queijo, leite cru com farinha, requeijão, escaldado de leite, imbuzada, coalhada-de-soro, paçoca de carne, coalhada escorrida, ovos, feijão com toucinho, carne cozida, carne assada, café misturado com leite e farinha, farofa, buchada, espinhaço de criação miunça, mel, rapadura, manteiga de garrafa, nata, banha de porco, café, mel-de-abelha, mel-de-engenho, farinha, muita farinha, produtos do plantio: feijão, milho, abóbora, jerimum, melão, melancia... Em tempos de seca o comum de todo dia: feijão com tocinho, cuscuz, café, rapadura, ovos, banha de porco, carne nem todo dia e farinha, muita farinha. (LOPES, 2012, p. 115 e 116).

Este autor ressalta ainda que os temperos utilizados pelos “catingueiros” para preparar os alimentos são corante, pimenta do reino e banha de porco. Alguns alimentos de caça também fazem parte da mesa dos sertanejos como o umbu, a favela, mari, ouricuri, entre outros.

No preparo das refeições durante os primeiros anos da Festa dos Vaqueiros a participação das mulheres era essencial. Elas já traziam toda uma experiência adquirida no dia-a-dia das fazendas. As mulheres vaqueiras desenvolviam as mesmas atividades campais que os homens, como mostra Lopes (2012):

Obrigação do fazer das mulheres, no verde: acordar cedo, no clarear da barra, para fazer p café para os homens, café preto para abrir o corpo no começar da labuta de perto de casa: do chiqueiro, do curral, do apanhar os animais no peador, do conserto da cerca. Dever das mulheres, também, ajudar no chiqueiro das cabras, no curral, na tiração de leite, na necessidade da precisão. Na seca: o horário do mesmo acordar, o mesmo café preto do clarear da barra. Buscar água na fonte, preparar o café pelo feitio de café, farofa ou cuscuz, dar comida aos enjeitados, cuidar das galinhas, cuidar dos porcos, varrer a casa, lavar os trens da cozinha, ajudar o marido no trato do criatório farco, cuidar do almoço, ver algum conserto de pano, uma coisa e outra que na seca o trabalho de casa é menos, menos, mas mais sofrido. (LOPES, 2012, p. 121 e 122).

Então, a Festa dos Vaqueiros também era um local ocupado pelas mulheres. No entanto, somente no ano 2007 que as mulheres ganharam mais notoriedade na festa com a eleição da primeira mulher vaqueira à presidência da Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC). Terezinha Varjão concorreu em chapa única e foi eleita. Em 2009 disputou a reeleição e venceu com 33 votos, conquistando por mais dois anos a presidência da AVAPEC. Terezinha hoje ocupa a vice-presidência da AVAPEC.

Nas primeiras décadas de realização da Festa dos Vaqueiros havia todo um sentimento de confraternização e valorização da classe. O último dia da festa também era um momento tradicional dentro das comemorações aos vaqueiros. Os mesmos saíam pelas principais ruas da cidade em grupos soltando aboios e cantigas confirmando o retorno na próxima festa. Sobre esse momento da festa Omar Dias Torres lembrou:

Então os vaqueiros chamavam atenção ao chegar na cidade, chamavam atenção quando estavam na cidade e quando estavam saindo da cidade. A cidade se mobilizava para participar desses eventos, para ver e valorizar. (TORRES, 2010).

A cada ano a Festa dos Vaqueiros de Curaçá tornava-se mais consagrada dentro da cultura popular da região. Entretanto, em depoimento Theodomiro Mendes Filho disse que em alguns anos na década de 60 a festa não foi realizada por motivos financeiros, em virtude da grande seca que assolou a região de Curaçá.

Como as dificuldades eram imensas e não havia nenhum apoio governamental, para a realização da mesma, apenas donativos angariados pelos próprios vaqueiros, não foi possível realizar durante alguns anos na década de 60 até meados de 1972. (MENDES FILHO, 2009).

Contudo, Omar Torres, em depoimento, relatou que o festejo continuou sendo realizado sem interrupção na década de 1960, mas que não houve muitos vaqueiros presentes nas comemorações. Omar Torres afirma, ainda, que os anos 1960 não foram anos de seca na região de Curaçá, mas de muita chuva. Portanto, infere-se que há uma controvérsia nas falas dos depoentes e isso pode ser devido às experiências políticas adquiridas ao longo dos anos pelos entrevistados.

Theodomiro Mendes, como foi dito, é filho do ex-prefeito de Curaçá, Theodomiro Mendes da Silva e é considerado um dos grandes incentivadores da realização do festejo. Talvez por querer vangloriar os feitos do seu pai e da instituição de que faz parte, concorde que no ano de 1960 a festa não pode ser realizada por questões financeiras, ou não ganhou importância por não ter muitos participantes. Em depoimento ele cita que somente na década de 70 a festa ganhou mais visibilidade na região, pois recebeu o apoio da Prefeitura Municipal de Curaçá que estava sendo governada pelo seu pai. Já Omar Torres assegura que a Festa dos Vaqueiros jamais foi interrompida desde a sua criação em 1953.

No próximo tópico irei abordar a criação da primeira associação de vaqueiros de Curaçá e como essa entidade começou a ser um fator decisivo na realização da Festa dos Vaqueiros.

2.1 A fundação da primeira associação de vaqueiros de Curaçá e a centralização do festejo nas mãos dos políticos.

Em 14 de agosto de 1959 foi fundada em Curaçá a primeira associação de vaqueiros do município intitulada de Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá. A entidade foi idealizada pelo ex-prefeito de Curaçá, Gilberto da Silveira Bahia⁵¹, com o incentivo de alguns moradores que tinham certo posicionamento econômico na sociedade curaçaense. Os fundadores da instituição eram pessoas que habitavam na sede do município e possuíam destaque na sociedade por serem donos de fazendas ou herdeiros de uma tradição elitista. Veja a seguir trechos da ata de fundação da Sociedade dos Vaqueiros:

Aos quatrose dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e cinqüenta e nove no salão nobre da S.C.A.B, que nos foi gentilmente cedida pelo seu presidente compareceram os senhores Gilberto da Silveira Bahia, José Ferreira Só, Guilhermes Bernades do Nascimento, Edgar d'Araujo, Sindolfo Curcino Rosa, Albertino Nunes da Silva, Deoclecio Paulino da Silva, Abilio Gomes da Silva, Aristoteles Loureiro e José Alvino da Costa, com o fito de organizarem a Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá usaram da palavra Gilberto Bahia e José Ferreira Só que disseram das intenções que os levaram a convidar os demais para a fundação da referida sociedade. (Trecho da Ata de Sessão de fundação da Sociedade dos Vaqueiros, 1959).

Na sociedade curaçaense, bem como em outras localidades do Sertão Nordestino, foi comum o exercício do poder político tendo em vista o patrimônio formado a partir da apropriação e conquistas de terras. Segundo Neves (2008), Portugal colonizou o Brasil no encadeamento das suas conquistas territoriais, ou seja, foram formadas na colônia corporações paramilitares, submetidas à autoridade dos senhores de terra que as sustentavam numa reprodução do poder local militarizado.

Essa forma de apropriação do poder, para o autor Eul-Soo Pang (1979), deu origem ao coronelismo brasileiro que atingiu culminância entre 1850 e 1950. É importante dizer que é na década de 1950 que se configura a Festa dos Vaqueiros e também é criada a Sociedade dos Vaqueiros, o que pode presumir que o cenário da festa e a constituição da associação revelam elementos dessa política de dominação principalmente entre fazendeiros e vaqueiros.

A principal função do coronelismo era a hábil utilização do poder privado acumulado pelo patriarca de um clã ou uma família mais extensa. A base patriarcal social e econômica do coronelismo teve suas origens nos engenhos de açúcar e nas fazendas de gado do século XVI. (PANG, 1970, p. 21).

⁵¹Gilberto da Silveira Bahia governou Curaçá entre os anos de 1959 a 1963.

Sobre essa relação política entre fazendeiros e vaqueiros tem-se, segundo Medrado (2012), que os vaqueiros eram os formadores de currais eleitorais que favoreciam os interesses dos seus patrões. Os vaqueiros eram homens fieis e serviam de braço direito dos fazendeiros.

No cotidiano das fazendas, que geralmente eram comandadas pelo vaqueiro, se fortalecia as relações de cumplicidade e honestidade entre o vaqueiro e o fazendeiro. O fazendeiro se ausentava da fazenda deixando a responsabilidade dos animais e dos outros serviços da propriedade para o vaqueiro. Alguns autores como Neves (2008) veem esse trabalho de dedicação dos vaqueiros como uma forma de escravidão, visto que o pagamento pelo trabalho prestado era feito pelo sistema de “sorte”.

Medrado (2012, p. 36) ressalta que “a dedicação plena, “inconsciente”, desinteressada e incondicional faria do vaqueiro um tipo extremamente devotado e fiel ao fazendeiro e por isso bastante prezado por este”. Para essa autora, o vaqueiro não era agente ativo na construção de seus valores pessoais, pois tais valores seriam decorrentes da subserviência inerente à sua relação com o fazendeiro.

Ainda sobre a fundação da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá, Theodomiro Mendes Filho em entrevista disse o seguinte:

Reuniram-se em Curaçá, alguns filhos da terra, com o intuito de criar uma entidade que representasse os vaqueiros de Curaçá, que entendiam eles na época ser uma classe numerosa, mas sem ter o apoio devido de nenhuma classe para representar. No dia 14 de Agosto (1959), no prédio da SCAB, um ano de muita seca no sertão, se reuniram vários curaçaenses liderados pelo prefeito da época, o senhor Gilberto da Silveira Bahia, que se tornara o fundador da sociedade. Nesse dia histórico criaram a Sociedade dos Vaqueiros com o fito de proporcionar uma vida mais digna para o vaqueiro, que até então era renegado a segundo plano. (MENDES FILHO, 2009).

O primeiro presidente da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá foi o ex-prefeito, Gilberto Bahia, e o vice-presidente o senhor José Ferreira Só, ex-vereador de Curaçá. Guilherme Bernardes foi escolhido como primeiro secretário e Sindolfo Rosa como o segundo secretário. O cargo de tesoureiro nessa primeira gestão foi ocupado pelo senhor Edgar d'Araújo.

Desse modo, tratava-se de uma organização que requeria melhoria de vida para os vaqueiros curaçaenses que muitas vezes estavam atrelados ao sofrimento da seca. Em 1967 iniciou-se a construção do prédio da referida Sociedade⁵², sendo que a sua inauguração só foi possível no

⁵² Atualmente na Avenida dos Vaqueiros em Curaçá.

ano de 1970. Após alguns anos da fundação, a associação conseguiu comprar uma roça onde os vaqueiros em tempos de festa guardavam seus animais.

Figura 13 – A primeira Festa dos Vaqueiros realizada pela Sociedade dos Vaqueiros em 1959



Fonte: Acervo particular do senhor Gilberto Bahia Filho.

Ainda segundo o estatuto de 1978, os associados teriam que pagar uma contribuição mensal, na época de dez cruzeiros, podiam votar e ser votado apenas os que soubessem ler e escrever. Contudo, todos os membros deveriam zelar pelo patrimônio moral e intelectual da Sociedade. Sobre o serviço e funcionamento da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá consta o seguinte no Capítulo II do referido Estatuto:

Art.2. Para realização dos seus fins a Sociedade orientará, promoverá, organizará e manterá os necessários serviços, dentre os quais se pode enumerar:

- a) Manter escolas em fazendas circunvizinhas onde haja mais de 20 crianças em idade escolar;
- b) Organizar e manter uma biblioteca;
- c) Organizar palestras instrutivas e conferencias a bem da classe;
- d) Organizar todos os anos em 2 de Julho a Festa dos Vaqueiros;
- e) Organização da contribuição extra-numeral para funeral. (Reforma dos estatutos da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá, Maio de 1978).

Cabe salientar que mesmo sendo uma Sociedade voltada para representar os vaqueiros, pouco a categoria era participante ativa das decisões da entidade, pois nem todos os vaqueiros sabiam ler e escrever. Somente com o passar dos anos essa regra do Estatuto foi reformulada e todos os membros passaram a votar e interagir nas decisões. No entanto, a Sociedade continua sendo regida por esse estatuto datado em 1978.

Com a fundação da Sociedade dos Vaqueiros mudanças na organização da festa começaram a acontecer. O almoço dos vaqueiros, que acontecia na fazenda do senhor Sindolfo Rosa, e o Forró da Espora, que era realizado no Salão Estrela do Norte propriedade também do senhor Sindolfo Rosa, passaram a acontecer no prédio da associação. Outra mudança referente à década de 70 é a troca da data de realização do festejo.

Segundo Theodomiro Mendes, como o feriado da Independência da Bahia muitas vezes era comemorado durante a semana, o que não ajudava a atrair turistas e admiradores para a festa, os membros da Sociedade dos Vaqueiros resolveram trocar a data da realização do festejo. Dessa forma, no final da segunda metade da década de 1970 a festividade passou a ser celebrada no primeiro final de semana do mês de julho, o que ainda acontece.

Sobre o assunto Omar Torres relatou o seguinte:

As vezes o dois de julho caía num dia de semana e isso dificultava pra eles levarem os convidados e também até soube a desculpa de que muita gente de Curaçá, que também trabalhava no comércio de Juazeiro, não poderia ir durante a semana. Deslocou-se a data da festa, de uma data cívica para a Bahia, para um final de semana de forma que proporcionasse esse fluxo de pessoas entre convidados e amigos. (TORRES, 2010).

O vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho apontou algumas considerações sobre o assunto:

A festa era no dois de julho, na data da Independência da Bahia. Mas com o tempo nossos políticos se apoderaram da festa e trocaram a data para o primeiro final de semana de Julho. Essas questões políticas para o vaqueiro não agrada nada, mas para eles sim. (CARVALHO, 2010).

Na edição julho/agosto da revista FOTOS DO VALE de 1985 diz que a troca da data de realização da Festa dos Vaqueiros se deu porque o feriado da Independência da Bahia só era válido na capital do Estado o que supõe prejudicar a atração de turistas para o festejo. Segue o trecho da matéria:

Nos anos anteriores a Festa dos Vaqueiros de Curaçá era realizada no dia 02 de Julho, mas, como esse dia é feriado apenas na Capital do Estado, o prefeito Theodomiro Mendes, em comum acordo, transferiu a data da referida festa para o primeiro sábado/domingo do mês de Julho de cada ano. (Fotos do Vale, 1985, p. 04).

A troca da data da realização do festejo condiz com os interesses dos políticos que começaram a fazer parte da organização da comemoração. Dessa forma, a festa deixou de ser um momento de comemoração apenas dos vaqueiros de Curaçá e passou a agregar turistas e visitantes para celebrar “o dia do vaqueiro”, mesmo sem terem qualquer relação com a cidade. O público da festa passou a ser atraído cada vez mais pelas apresentações artísticas dos famosos e não mais pela representação do vaqueiro.

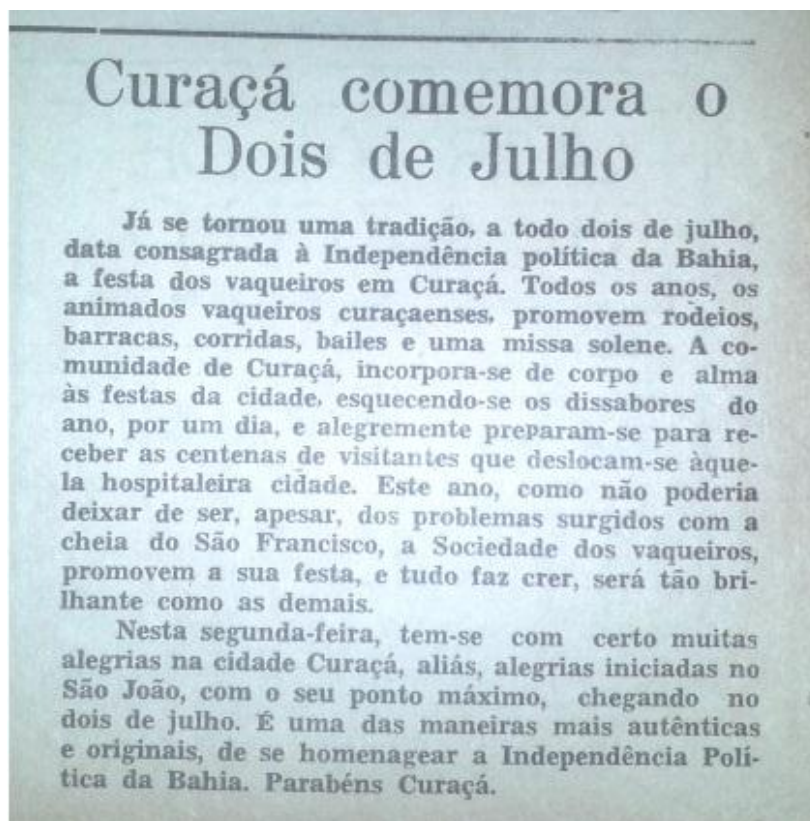
A partir do ano de 1973 a Festa dos Vaqueiros de Curaçá começou a ganhar uma maior visibilidade na região do Vale do São Francisco. Na época o prefeito da cidade, Theodomiro Mendes da Silva, passou a interferir na realização da festa como foi citado acima. Assim, a partir dessa década a festividade passou a ser organizada também pelo governo municipal e não somente pelos vaqueiros como era de costume. A festa foi se tornando institucional, pois também estava agregada às realizações da Sociedade dos Vaqueiros.

A revista FOTOS DO VALE na edição de maio/junho de 1986, diz que a Festa dos Vaqueiros de Curaçá só tomou formato de “festa” na primeira gestão do prefeito Theodomiro Mendes da Silva em 1973. A reportagem cita ainda que antes desse ano a comemoração era somente uma sessão solene realizada pela Sociedade dos Vaqueiros e que com a chegada do novo prefeito dentro da programação do festejo começaram a ocorrer desfiles, aboios e distribuição de prêmios. Veja a seguir:

A manifestação dos vaqueiros vem sendo realizada há muitas décadas, sob a promoção da Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá. Somente em 1973, na primeira gestão do atual prefeito, o evento tomou cunho de festa. Antes da administração de Theodomiro Mendes a Festa dos Vaqueiros era realizada apenas com uma sessão solene, pela Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá. A partir de 1973, a festa passou a ser realizada com desfile, aboios e distribuição de brindes aos participantes. (REVISTA FOTOS DO VALE, 1986, p. 15).

Na edição 28/30 de junho de 1979 do JORNAL DE JUAZEIRO, atual DIÁRIO DA REGIÃO, foi publicada uma nota sobre a realização da Festa dos Vaqueiros no dia 2 de Julho. A nota cita que a Sociedade dos Vaqueiros é a organizadora da festa e que centenas de visitantes eram esperados para a comemoração. Veja a seguir:

Figura 14 – Matéria no Jornal Diário da Região



Fonte: Diário da Região edição 28/30 de junho de 1979

Sobre o assunto Omar Dias Torres afirmou que:

A partir da primeira gestão de Theodomiro a festa começou a tomar um caráter político. Ele como prefeito, como um homem político e por ter sido originário também do campo, começou a sua origem, a sua cultura como elemento de aproximação dos vaqueiros e começou a usar isso em benefício político próprio. (TORRES, 2010).

Ainda sobre o assunto, Theodomiro Mendes Filho afirmou que:

No ano de 1973 com a eleição do prefeito Theodomiro Mendes da Silva, que se tornara um apaixonado pela causa, dava um novo empurrão à festa. A festa, realmente já ganhava proporção, já com o apoio do poder público municipal constituído na época. A partir daí a festa começa a tomar corpo, a envolver toda a comunidade, a tomar a proporção de outros municípios que até mesmo de outros Estados vizinhos, como o Estado de Pernambuco. (MENDES FILHO, 2009).

É válido ressaltar que os dois depoentes concordam que com a entrada do prefeito Theodomiro Mendes da Silva na organização da festa, a mesma começou a despertar interesse nos políticos da região, bem como, ganhou renome perante as localidades vizinhas. Com o passar dos

anos os políticos transformariam o momento em uma grande proliferação de discursos políticos, fato este que divergia dos principais objetivos do festejo, que era homenagear o homem do campo.

Com isso, ocorreu também que na década de 1970 a festa começou a perder o seu teor comunitário, já que o poder municipal começou a se responsabilizar pela manutenção, organização da festa. O tradicional Forró da Espora, que na primeira década de realização da Festa dos Vaqueiros contava com a participação de cantadores e aboiadores regionais, nos anos 70 começou a receber artistas de renome nacional como o Rei do Baião, Luiz Gonzaga. O aboio do vaqueiro começou a ser substituído por duplas que gravavam aboios em estúdio e os comercializavam em shows, como a dupla Vavá Machado e Marcolino.

Estas afirmações, tantos dos depoimentos como dos meios de comunicação que cobriram a Festa dos Vaqueiros de 1970 a 1980, período em que Theodomiro Mendes é o gestor da cidade, também nos traz a memorização dos fatos históricos a partir de interesses políticos. Podemos perceber que a memória também é utilizada para resguardar um momento, um fato a partir da intenção de quem a cria.

Figura 15 – Forró da Espora no Prédio da Sociedade dos Vaqueiros



Fonte: Acervo do Museu de Curaçá Auristela Torres.

Sobre a intromissão do poder político na festa Omar Dias Torres disse:

A partir desse processo em que eles começaram também a trazer atrações artísticas, todas elas comprometidas em exaltar a eles e seus

correligionários, isso com todos até o nosso ícone Luiz Gonzaga na década de 70. De festa dos vaqueiros a festa passou a ser um dia de festa em Curaçá. (TORRES, 2010).

Através dos depoimentos percebe-se que novos espaços foram sendo incorporados à Festa dos Vaqueiros de Curaçá e isso resultou em uma ressignificação do festejo. Nas mãos de políticos a comemoração passou a ter uma conotação tendenciosa e de grupos partidários. O fomento da cultura popular pelos próprios vaqueiros foi aos poucos transferido para as mãos de políticos que com o passar dos anos utilizaram a festa como palco para diversos discursos e como fins eleitoreiros.

No lugar “sagrado da tradição” começou-se a despertar disputas, tensões, ressignificações e apropriações diversas através das inserções políticas. É importante ressaltar que o poder político de Curaçá até o final da década de 1980 foi comandado por famílias tradicionais que através de casamentos consagravam a perpetuação do poder. A partir da pesquisa realizada e dos depoimentos colhidos as principais famílias que estiveram à frente dos cargos públicos na história política de Curaçá são: Coelho, Aquino, Torres e Possídio. Sobre o assunto Omar Torres em entrevista declarou:

Nas disputas eleitorais não se evidenciava a disputas partidárias. Era disputa local de famílias e que pelas conveniências se agrupavam nesse partido ou em outro. Como ainda é hoje no Brasil. (TORRES, 2016).

Em 1973, Theodomiro Mendes, natural do distrito de Patamuté, tomou posse como prefeito de Curaçá sob influência do Partido Arena, que era uma sigla de direita conservadora e a favor do Golpe Militar de 1964. Até o ano de 1992 Theodomiro Mendes ficou alternando mandatos com o ex-prefeito Aristóteles Loureiro, que também pertencia ao mesmo grupo político conservador. Já na década de 1980 o Arena em Curaçá transformou-se em PDS que dividiu-se em duas frentes lideradas pelo ex-governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães.

Durante a pesquisa foi visto que em diversas matérias do JORNAL DE JUAZEIRO Antônio Carlos Magalhães e sua cúpula de subordinados políticos se faziam presentes na Festa dos Vaqueiros e eram recebidos com todas as regalias, assim como eram prestadas homenagens. Foram nessas ocasiões também que obras eram inauguradas, brindes eram ofertados aos vaqueiros e discursos eleitoreiros eram ditos ao público presente. Nesses espaços da Festa dos Vaqueiros as ideologias políticas eram reafirmadas e a toda uma manipulação estavam expostos os vaqueiros.

Na edição de 05 a 06 de julho do JORNAL DE JUAZEIRO de 1986 foi publicada uma matéria com o título “Curaçá em sua tradicional Festa dos Vaqueiros recebe ilustres visitantes”. As

personalidades ilustres que se referia o texto tratava-se do governador da Bahia João Durval Carneiro, o ministro Antônio Carlos Magalhães, o senador Lomanto Júnior, entre outros. Em outra matéria dessa mesma edição, o JORNAL DE JUAZEIRO traz como título “Povo curaçaense ovaciona comitiva Governador João Durval”.

Na edição do JORNAL ASA BRANCA⁵³ de 31 de Julho de 1980 a Festa dos Vaqueiros foi noticiada da seguinte forma: “Com uma mudança total na sua habitual programação, tivemos mais uma “Festa dos Vaqueiros”. A programação esteve assim distribuída: dia 30/06 - chegada; dia 01/07- recepção ao Sr. Governador; dia 02/07 – missa e desfile na cidade”.

Após a pesquisa nos noticiários, percebe-se que a festa ganhou um espaço para a recepção das autoridades que aportavam em Curaçá para desencadear interesses meramente políticos.

Na década de 1980 as modificações dentro do ritual da Festa dos Vaqueiros tornam-se mais intensas. Outra transformação na comemoração diz respeito ao almoço dos vaqueiros, que até então era servido na Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá e passou a ser realizado na Fazenda Saudade, propriedade do vaqueiro Luisinho Lopes. A Fazenda Saudade servia de ponto de encontro entre os vaqueiros que vinham de comunidades distantes do centro de Curaçá. Nesse local eles se encontravam para depois saírem em desfile para as ruas da cidade, como ainda acontece nos dias atuais.

Segue o trecho do JORNAL ASA BRANCA sobre o encontro de vaqueiros na Fazenda Saudade no ano de 1981.

Como aconteceu no ano passado, este ano no dia 1 os vaqueiros foram recepcionados festivamente na Faz. Saudade, acontecendo aí farto almoço ao som de uma animada sanfona, tudo oferecido pelo Sr. Luisinho Lopes e filhos. (JORNAL ASA BRANCA, 30 de Julho 1981, p. 06).

Era na fazenda Saudade que durante alguns anos consecutivos alguns vaqueiros se reuniam para realizar o ajuntamento de gado na região. Esse motivo também é visto como um dos fatores que levou à transferência do tradicional almoço dos vaqueiros para a referida fazenda.

Esse fato se deu por conta de que em dias anteriores a festa dos vaqueiros, o Sr. Juvino Fernandes do Vale, vaqueiro da referida fazenda se reunia com outros vaqueiros da vizinhança, os srs. Luis Antônio dos Santos (Luis da

⁵³ O Jornal Asa Branca foi fundado em 15 de março de 1980. Sua equipe era formada por: Omar Dias Torres e Salvador Lopes Gonçalves (editores), Antonieta Galdieri (colaboradora), Coelhão (capa e diagramação).

Veneza), Carlos Rodrigues (Carlos de Raimundão), Deroaldo Rodrigues (Deró) e Pedro Evangelista (Pedro de Liberato), para o ajuntamento de gado na referida fazenda, para que o seu dono pudesse vistoriar o criatório. (ARAÚJO, 2004, p. 27).

Sobre o assunto, em depoimento, o vaqueiro Luís Antônio dos Santos, que foi um dos participantes do primeiro almoço dos vaqueiros na Fazenda Saudade disse que:

Nós pegávamos o gado para Elú. Eu, Deró, Carlos de Raimundão. Ai Elú chegou, era uns dias perto da Festa dos Vaqueiros. Ele não disse nada a nós, foi na rua. Quando chegou foi cheio de bebidas e bifés. Ai ele ficou sentado mais nós conversando e depois disse: ano que vem nós vamos comer um boi aqui. E matou mesmo (risos). Ai a cada ano o encontro foi crescendo cada vez mais e virou uma tradição. (SANTOS, 2010).

Assim, durante os anos seguintes o almoço na Fazenda Saudade começou a fazer parte do ritual da Festa dos Vaqueiros. Nesse almoço os participantes faziam disputas de aboios e geralmente a animação do encontro era feita pelos aboiadores da região.

Já está se tornando uma tradição na Festa dos Vaqueiros de Curaçá, o almoço que o Sr. Luizinho Lopes e filhos oferecem, na Fazenda Saudade, aos vaqueiros que chegam no dia 1. Este ano também, apesar de grupos políticos ligados ao governo terem imitado o gesto, o comparecimento dos vaqueiros foi maciço, gerando um ambiente alegre, cordial e festivo. Um momento emocionante foi quando todos os presentes prestaram homenagens aos vaqueiros velhos e aposentados, Srs. Emiliano Nunes, Hermógenes da Paixão e Balbino Lopes, convidados de honra para aquele encontro. Outro vaqueiro convidado e que não pode comparecer, por motivos de doença, foi o Sr. Chiquinho Mota. Vários vaqueiros usaram da palavra bem como o Sr. Durval Torres, tendo todos ressaltado a importância do trabalho do vaqueiro que faz parte da história da nossa terra pela sua ação e coragem. (JORNAL ASA BRANCA, 1982, p. 05 e 06).

Em entrevista Omar Torres ressaltou que o Almoço da Fazenda Saudade com o passar dos anos começou a ser visto como um empecilho político para o grupo do prefeito Theodomiro Mendes, a ponto do gestor impedir os vaqueiros de chegarem a Saudade.

Agora a partir dos primeiros três anos da institucionalização desse almoço, o prefeito Theodomiro Mendes passou a criar barreiras para os vaqueiros não chegarem a Saudade, já considerando a atuação política do filho de seu Luizinho, Salvador Lopes. Inclusive hoje passaram a usar o Sítio de Deró. A atuação política começou daí, quando Theodomiro começou a impedir os vaqueiros de chegar a Saudade. (TORRES, 2016).

O Almoço na fazenda Saudade ainda acontece dentro da programação da Festa dos Vaqueiros. O encontro é realizado no sábado da festa e concursos de aboios, premiações, orações,

homenagens, fazem parte desse momento genuinamente dos vaqueiros. É no espaço da fazenda Saudade que os próprios vaqueiros relembram o passado e festejam no cenário da caatinga e próximo aos animais de trabalho.

Figura 16 – Almoço na Fazenda Saudade



Fonte: Laércio Lucas (2015)

Figura 17 – Almoço na Fazenda Saudade



Fonte: Laércio Lucas (2015)

No ano de 1985, segundo a reportagem da revista FOTOS DO VALE, na edição de Julho/Agosto, a Festa dos Vaqueiros aconteceu nos dias 06 e 07 de julho e contou a participação de mil vaqueiros. O ritual tradicional continuou a acontecer, ou seja, o desfile, a missa campal, o animado forró da espora e as corridas de prado. Bandas de forró continuaram a animar a festa, mas neste ano houve também um show em praça pública com a banda Quinteto Violado. A reportagem cita ainda que o prefeito da época, Theodomiro Mendes da Silva, fez distribuição de camisas e redes como brindes para todos os vaqueiros que viessem em trajes típicos.

Essa distribuição de brindes pode ser vista como mais um espaço de influências políticas dentro do festejo e, com isso, indicando a adesão de outros valores à festa. Essa simbologia poderia impressionar os vaqueiros e fazer com que eles se tornassem correligionários do poder municipal.

A reportagem da mesma revista na edição de Julho/Agosto de 1987, diz que a Festa dos Vaqueiros naquele ano tinha sido um evento de sucesso. Dentro da programação estava o tradicional desfile pelas ruas da cidade, as corridas de prado e o forró da espora que aconteceu no prédio da Sociedade. Nesse ano, segundo a revista, o festejo contou com a presença de mil participantes e foi organizado pela prefeitura juntamente com a associação de vaqueiros. Grandes artistas de renome continuaram a se apresentar no evento, como os aboiadores pernambucanos Heleno Gino e Ivone Leão.

Analisando as reportagens do JORNAL DE JUAZEIRO, hoje DIÁRIO DA REGIÃO, foi possível perceber que na década de 1990 a Festa do Vaqueiro de Curaçá continuou a crescer como um grande evento na região do Vale do São Francisco. A data de sua realização permaneceu no primeiro final de semana de Julho e vários shows artísticos contribuíram para o engrandecimento da festa. Assim, nos anos 90 os interesses políticos e agora partidários aliados a mídia estiveram cada vez mais à frente do festejo o que provocou uma ressignificação da festa.

Nos dias de festa os políticos usavam o momento para se reafirmarem com autoridade na cidade, bem como, prestavam homenagens e conferiam discursos a outros políticos. Essa estratégia também servia para reafirmar a cidade de Curaçá perante as demais da região do Vale do São Francisco.

Segundo o JORNAL DE JUAZEIRO na edição de 07 de Julho de 1992, nesse ano a Festa dos Vaqueiros, conseguiu reunir cerca de dois mil vaqueiros vindos de todas as partes do país. Dessa forma, os dados mostram que a festa não era mais um simples evento dentro da agenda cultural de Curaçá, pois havia se tornado um evento conhecido nacionalmente. “Com mais de quarenta anos de

tradição, a festa dos vaqueiros de Curaçá reuniu no último final de semana cerca de dois mil vaqueiros vindos de todas as regiões do país”. (JORNAL DE JUAZEIRO, 1992, p. 03).

Em 1996 o festejo aconteceu nos dias 06 e 07 de Julho e mais uma vez a reportagem do jornal DIÁRIO DA REGIÃO⁵⁴ deu destaque à presença de centenas de turistas provenientes de todas as localidades vizinhas que vieram prestigiar o evento. No ano de 1997, o mesmo noticiário publicou que a expectativa da festa para aquele ano era de 15 mil visitantes e cerca de 1.500 vaqueiros. Nesse mesmo ano a Festa dos Vaqueiros começou a contar com o apoio de outros órgãos como a Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia e da Bahiatursa⁵⁵. Vê-se com essa reportagem que a cada ano o número de turistas só aumentava e com isso percebe-se o tamanho que a festa tinha alcançado na região.

O tradicional FORRÓ DA ESPORA na década de 90 continuou a trazer grandes artistas para “celebrar o dia do vaqueiro”. Os shows continuaram a ser realizados no salão da Sociedade dos Vaqueiros, onde diversas bandas de forró animavam os participantes da festa. Nessa época não se exigia mais do vaqueiro a sua roupa de couro nem o seu gibão para entrar no forró. O mesmo passou a ser identificado por uma camisa doada pela organização da festa.

Em 1997 tomou posse o prefeito Salvador Lopes pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Salvador é curaçaense e foi um dos fundadores do JORNAL ASA BRANCA. O seu governo foi caracterizado como um racha político, já que por mais de 20 anos Curaçá foi governado pelas gestões intercaladas de Theodomiro Mendes e Aristóteles Loureiro.

Salvador venceu o pleito contra Theodomiro Mendes Filho que era filiado ao Partido Liberal (PL). É importante ressaltar, que Salvador sempre foi visto como uma ameaça política pelo grupo de Theodomiro tendo em vista a popularidade com que governava.

Chamo a atenção para o final da década de 1990, que tinha a frente o prefeito Salvador Lopes, pois é nessa época que a Festa dos Vaqueiros foi mais atingida pelos conflitos políticos. Como o grupo liderado por Salvador Lopes não tinha abertura política dentro da Sociedade dos Vaqueiros, em virtude das divergências políticas partidárias, mais um rompimento político aconteceu em torno da Festa dos Vaqueiros e dessa vez dentro da Sociedade dos Vaqueiros.

⁵⁴ O jornal de Juazeiro passou a se chamar Diário da Região.

⁵⁵ A Bahiatursa é uma empresa de turismo da Bahia e está vinculada a uma empresa de economia mista ligada à Secretaria de Turismo. Sua responsabilidade é promover a atividade turística da Bahia, no Brasil e no exterior.

No ano 2000 Salvador Lopes concorreu à reeleição a prefeito contra ex-prefeito Aristóteles Loureiro, que pertencia ao Partido da Frente Liberal (PFL), e obteve êxito nas urnas. Os ânimos cada vez mais se acentuavam entre os dois blocos políticos. De um lado Salvador Lopes, e, do outro, Theodomiro Mendes Filho e Aristóteles Loureiro. É no início dos anos 2000 que os partidos políticos começaram a disputar com mais intensidade e com caráter político-partidário a organização da Festa dos Vaqueiros.

Em virtude dessas divergências, a cidade de Curaçá começou a contar com a realização de duas festas de vaqueiros. A equipe do governo do prefeito Salvador Lopes realizava a festa na data tradicional, ou seja, no primeiro final de semana do mês de julho. Já a Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá, liderada por Theodomiro Mendes Filho, passou a comemorar a festa no último final de semana do mês de junho. Os moradores e visitantes vivenciavam duas festas de vaqueiros com todo o ritual de desfile, corrida de prado, missa campal e a apresentação de artistas consagrados, naquele momento, pela mídia.

Não há dúvidas de que o motivo da divisão do festejo deu-se por interesses político-partidários. A Sociedade dos Vaqueiros, bem como o governo municipal da época, propôs-se a partir das desavenças políticas, resguardar o direito de organizar a tradicional Festa dos Vaqueiros, só que cada um ao seu modo. O festejo passou a ser realizado em duas datas diferentes, e com isso atraíram públicos distintos movidos também pelas alianças e diferenças político-partidárias. Assim, até os homenageados da festa, os vaqueiros, começaram a se dividir e a escolher o festejo em que queriam estar presentes.

Esses conflitos políticos provocaram o surgimento de outra instituição para representar os vaqueiros. Sendo assim, foi formada a Associação dos Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC) pelos vaqueiros e políticos que se desentenderam com a Sociedade dos Vaqueiros, ou seja, o grupo político liderado por Salvador Lopes.

Dessa forma, a festa adquiriu um caráter político-partidário onde até a contagem dos anos da sua realização sofreu intervenções. A Sociedade dos Vaqueiros contava os anos de realização da festa a partir da fundação da entidade, ou seja, no ano de 1959. Já a outra organização, ligada a AVAPEC, calculava os anos de festejo desde a data do centenário da cidade em 1953. Desse modo, a população e os vaqueiros participavam de dois cálculos diferentes de início da história da Festa dos Vaqueiros.

A divisão da festa também provocou desavenças religiosas. Como aconteciam duas festas de vaqueiros, as organizações de cada uma queria a realização da MISSA CAMPAL, que já era tradição. Em entrevista, o bispo da Diocese de Juazeiro, Dom José Geraldo da Cruz, em março de 2016, cuja Diocese é a responsável pela Paróquia Bom Jesus da Boa Morte e São Benedito de Curaçá, foi relatado que a Igreja Católica, a princípio, realizava as duas missas, mas que por ordem do ex-bispo Dom José Rodrigues, quando percebeu que se tratava de interesses políticos determinou a realização de apenas um ato eucarístico.

Durante a pesquisa foi encontrado em um documento armazenado na secretaria da Paróquia Bom Jesus da Boa Morte e São Benedito que enfatizava que existia uma norma Sub Regional das Dioceses de Juazeiro, Senhor do Bomfim e Rui Barbosa que proibia missas e bênçãos em ocasiões de aproveitamento ou manipulação dos políticos como festas, formaturas, inaugurações e que a Festa dos Vaqueiros se encaixava na orientação. Por esse motivo o padre relatou que durante onze anos não realizou a Missa dos Vaqueiros em virtude da norma. O documento está datado entre o final do ano de 1997 e início de 1998.

Sobre o assunto o bispo Dom José Geraldo afirmou:

O Dom José Rodrigues publicou uma carta em que era para ser respeitada uma das datas de comemoração das associações e isso favorecia uma das associações que era bem marcada politicamente. Eu disse que só celebraria quando estivessem juntos e isso só aconteceu uma única vez. (DOM JOSÉ GERALDO, 2016).

Enquanto durou a realização de apenas uma missa de vaqueiro dentro do festejo um mal estar foi se formando entre os participantes e organizadores, o que contribuía para novos espaços de disputas no espaço da festa.

Até o ano de 2012 a Festa dos Vaqueiros permaneceu com a realização de dois desfiles de vaqueiros, sendo um organizado pela AVAPEC e outro pela Sociedade dos Vaqueiros. Após a promoção de diálogo entre os membros das suas associações, em 2013 a duplicidade de desfiles foi encerrada na festa. Desse modo, a festa voltou a contar apenas com um desfile de vaqueiros e a contagem dos anos de realização voltou a respeitar a data de início do festejo que é 1953.

É válido ressaltar que em 2012 deu-se início a gestão do prefeito Carlinhos Brandão (PP) que foi oposição ao ex-prefeito Salvador Lopes.

Neste capítulo, procurei traçar os fatos históricos da Festa dos Vaqueiros e com isso relatar como o espaço da tradição, do festejar, pode estar enveredado de várias tensões, disputas e interesses políticos, nesse caso também partidários, dos grupos envolvidos e pertencentes ao festejo.

Porém, foi visto que as apropriações de grupos políticos locais incorporam novos valores ao festejo, que contribuíram mais para uma descaracterização da festa do que a sua emancipação como símbolo cultural.

No próximo capítulo, será relatado como está configurada a Festa dos Vaqueiros nos dias atuais, bem como sobre os incentivos políticos que estão agregados a sua conjuntura.

CAPÍTULO III

A Festa, a Cultura e a Política

Neste terceiro e último capítulo, desta dissertação, irei discutir sobre os interesses políticos que estão agregados à conjuntura organizacional da Festa dos Vaqueiros de Curaçá, e apontar como a influência política pode ter ocasionado uma ressignificação da festa. Para tanto, busquei em entrevistas de vaqueiros e de pessoas que estão à frente de órgãos em nível municipal e estadual, bem como em jornais e revistas da região, respostas sobre como foram e são costurados os incentivos políticos e financeiros no conjunto da festa.

Pela aproximação com o tema, e por ser filha de Curaçá, me propus a pensar este capítulo a partir de alguns questionamentos: houve uma ressignificação cultural e social dentro do festejo e o que poderia ter ocasionado isso? Como os interesses e conflitos políticos contribuíram para isso? Como as estruturas municipais e estaduais ajudam a arquitetar a festa?

Vamos voltar um pouco ao passado, até a década de 1950. Quando se formou a Sociedade dos Vaqueiros, em 1959, os objetivos político-partidários passaram a ser mais visíveis na festa. Com a construção do prédio da Sociedade para agregar os vaqueiros, seus animais e também servir de sede para encontro dos sócios, a Festa dos Vaqueiros começou a ficar concentrada nesse espaço. As refeições dos vaqueiros e o Forró da Espora, além da alimentação dos animais, aconteciam na Sociedade.

A partir da centralização da festa na Sociedade dos Vaqueiros, uma entidade organizada por pessoas com representação política em Curaçá, o festejo passou a ganhar conotação política e partidária. Antes de 1959, segundo entrevistas, a festa era proporcionada pelos vaqueiros e para os vaqueiros.

Em entrevista, Omar Torres, o Babá, ressaltou como a Festa dos Vaqueiros foi se monopolizando nas mãos de políticos após a fundação da Sociedade dos Vaqueiros.

Primeiro ele (Theodomiro Mendes) monopolizou a festa, construiu a sede da sociedade, tirou dos vaqueiros a decisão de contribuição, de como fazer a festa, de qual lugar fazer a festa. A festa passou a ser na sede da Sociedade dos Vaqueiros e ninguém chegava à presidência da Sociedade sem o apoio de Theodomiro. Meu pai e assim como outros foram assim que chegaram à presidência. E a festa se tornou absolutamente dependente do poder municipal. (TORRES, 2015)

Figura 18 - Inauguração da Estátua do Vaqueiro na Sociedade dos Vaqueiros



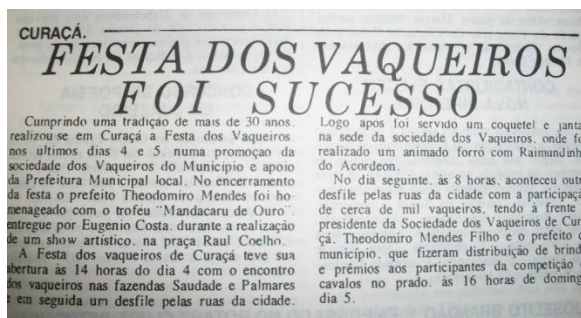
Fonte: Acervo do Museu Municipal Auristela Torres em Curaçá

Na década de 1970 é possível constatar, a partir dos jornais da época e das entrevistas, que começou a haver uma forte incidência de políticos na organização da tradicional Festa dos Vaqueiros.

Omar Torres mais uma vez disse que foi o ex-prefeito Theodomiro Mendes quem passou a exercer grande influência na politização da festa. “Quem eu acho que politizou de forma eleitoral a Sociedade dos Vaqueiros foi Theodomiro a partir da gestão dele em 1972. Ele começou usar de fato a festa dos vaqueiros de forma eleitoral”, afirmou.

O vaqueiro Luís Antônio dos Santos, em depoimento, também concorda que antes da década de 1970 a participação dos políticos na festa era pequena. Contudo, após 1973, com a eleição de Theodomiro Mendes da Silva a prefeito, o festejo começou a ganhar dimensões de grande show. Nessa época a festa começou a ser vista também como ponto turístico na região.

Figura 19 – Notícia da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no Jornal de Juazeiro



Fonte: Edição do Jornal de Juazeiro 30 de julho 1980

As transformações na organização da festa e a presença de políticos podem ter contribuído para a insatisfação e, conseqüentemente, a diminuição da participação dos vaqueiros no festejo. Em depoimento o vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho chegou a afirmar que em uma das comemorações da festa, entre as décadas de 1960 a 1980, participaram mais de 800 vaqueiros devido à oferta de brindes por iniciativa política. Nas entrevistas feitas percebeu-se que no início da festa o vaqueiro participava do evento por se sentir vangloriado e assim não era necessário nenhuma cortesia para atraí-lo a comemoração.

Segue o trecho do depoimento do referido vaqueiro:

E eu me recordo que teve uma certa festa que Theodomiro como prefeito e muito empolgado com a festa, ai ele disse: Quanto mais vaqueiros tiver na festa melhor, a cada vaqueiro vou dar uma rede. Aí nesse ano teve oitocentos vaqueiros. Quem era que não queria uma rede? Isso foi nas épocas de 60 mais ou menos a 80. Porque o vaqueiro é um “trem” muito simples, qualquer coisa lhe agrada, e os políticos querem isso. (CARVALHO, 2010).

Então, vê-se que a participação dos vaqueiros dentro da “sua festa” começou a ser influenciada pelo interesse político, o que favoreceu a fragmentação do sentido da comemoração. Outro item a ser considerado sobre a participação dos vaqueiros no seu dia de festa, é que nos primeiros anos do festejo eram os próprios vaqueiros que tiravam seus aboios, mas com a intervenção de artistas renomados pela mídia esse momento cada vez mais foi sendo extinto da comemoração.

Sobre este assunto o vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho nos conta que:

Não tinha aboiadores de fibra, como a gente diz na linguagem caipira, era aboiadores de terra, da região. Era assim: vaqueiro “fulano” venha aqui tirar um aboio”. (CARVALHO, 2010).

Ainda sobre a festa o vaqueiro Luís Antônio Santos conta que:

Ela era bem pequenininha, não tinha carro de som, não tinha banda, (risos) era o forró da espora chamado nessa época. A gente ficava na rua brincando, era a gente quem fazia a festa nessa época não tinha aboiador de fora. Nós mesmos éramos quem fazia a festa. (Luís Antônio Santos, 2010).

Tendo em vista as colocações acima, percebe-se que a originalidade da festa aos poucos foi ficando comprometida, pois cada vez mais o vaqueiro estava sendo excluído do seu momento de celebração em consequência da entrada de elementos vindos da política e posteriormente da mídia.

Vamos passar para a década de 1980. Na edição de 30 de Julho de 1981 o jornal ASA BRANCA trouxe em suas páginas que a diminuição da participação do vaqueiro na Festa dos Vaqueiros daquele ano teve como motivação a falta de atrações típicas da festa, como a ausência da derrubada de boi. Nessa mesma edição, o jornal Asa Branca afirmou que a Festa dos Vaqueiros de Curaçá já não tinha mais o brilho de antes.

Tradicionalmente considerada uma grande festa popular de Curaçá, a Festa dos Vaqueiros vem perdendo o brilhantismo de anos anteriores. Talvez isso se deva à cada vez menos participação da sua atração principal, o vaqueiro, à falta de novos atrativos como por exemplo derrubadas de boi, que muitos são favoráveis, ou ainda ao inconformismo ante os resultados das corridas. (JORNAL ASA BRANCA, 1981, p. 06).

No final dessa reportagem, o jornal ASA BRANCA coloca que o fato lamentável da Festa dos Vaqueiros naquele ano teria sido o encerramento do encontro na entrega da premiação das corridas. Nessa ocasião, os políticos do partido PSD⁵⁶ se aproveitaram do momento e fizeram discursos para sua autopromoção.

O jornal, nesta mesma reportagem, citou ainda que “os representantes do governo em nossa cidade, não deram oportunidade a nenhum vaqueiro, nem mesmo ao Presidente da Sociedade, para se dirigirem aos seus companheiros nesse dia de festa da classe”.

Dessa forma, o discurso político adentrou à festividade, fazendo com que o vaqueiro aos poucos se tornasse um elemento coadjuvante dentro da sua própria festa.

No ano seguinte, o JORNAL ASA BRANCA na edição de Julho/Agosto de 1982, expôs também em uma reportagem sobre a Festa dos Vaqueiros que a mesma estava perdendo sua simbologia inicial com o decorrer dos anos. Na edição, o jornal disse que:

⁵⁶ Partido Social Brasileiro fundado em 1945.

A cada ano que passa, Curaçá observa a crescente descaracterização de uma de suas maiores manifestações populares que é a Festa dos Vaqueiros. A constante queixa que se pode ouvir destes corajosos homens que ajudam a sustentar o nosso município, é que a Festa não é mais deles e sim dos políticos. (JORNAL ASA BRANCA, 1982, p. 06).

Nessa mesma reportagem, o jornal narra que ao final do festejo os discursos políticos ganharam destaque e que mais uma vez os vaqueiros foram impedidos de fazer qualquer pronunciamento na sua festa. No final da matéria o jornal conta que: “Infelizmente, o que se vê é isso: uma festa que deveria ser dos vaqueiros é totalmente monopolizada pelos políticos do PDS num flagrante desrespeito as tradições culturais de Curaçá.” (JORNAL ASA BRANCA, 1982:06).

Ainda sobre os discursos políticos o jornal ASA BRANCA expôs que:

No palanque onde se proferia à entrega dos prêmios, estava o prefeito, que em seu pronunciamento fez acintosa propaganda de sua administração e de seus correligionários; estava um candidato a prefeito que, sem qualquer escrúpulo, fazia propaganda e campanha pela sua candidatura; estava igualmente um candidato a deputado estadual, ilustre desconhecido do povo de Curaçá, que se ocupou apenas de fazer sua campanha eleitoral. Além destes, os outros pronunciamentos e nada fizeram por merecer o apreço dos vaqueiros, já que também tiveram a finalidade de promover os candidatos do PDS. (JORNAL ASA BRANCA, 1982, p. 07).

Analisando o JORNAL DE JUAZEIRO, atual DIÁRIO DA REGIÃO, foi possível constatar, através de uma reportagem publicada no dia 30 de Julho de 1984, que nesse período a Festa dos Vaqueiros sofreu uma divisão, ou seja, segundo o noticiário, nesse ano houve a comemoração de duas Festas de Vaqueiros no município, sendo que uma foi intitulada de “festa oficial” por ser organizada pela prefeitura municipal e a outra foi chamada de “festa alternativa”, já que tinha sido promovida por um grupo de vaqueiros insatisfeitos com o festejo tradicional. Segue o trecho da matéria.

Este ano a festa dos vaqueiros de Curaçá, que tradicionalmente acontece há mais de trinta anos, tem uma novidade: Inconformados com a manipulação política que todo ano aumenta e já deixou apenas como figurantes os vaqueiros, que deveriam ser os donos da festa, um grupo de vaqueiros decidiu fazer uma festa a parte e antes da oficial, patrocinada pela prefeitura. Segundo informações que obtivemos, encontram-se a frente desse movimento para devolver aos vaqueiros a paternidade da sua festa os senhores Samuel Rosa e Augusto Leitão, o “Dodô de Balaio”. No ano passado, este mesmo grupo de vaqueiros tentou concorrer e não conseguiram, (por uma série de contratempos articulados pela direção existente), participar das eleições sendo que este ano, para demonstrar que os vaqueiros tem condições de por si mesmo fazer a festa e torná-la

brilhante, sem “ajuda” de políticos e sendo o dono da festa, resolveram fazer outra. (JORNAL DE JUAZEIRO, 1984, p. 03).

Nessa reportagem também foi possível detectar que o vaqueiro não podia participar das eleições para compor os cargos da Sociedade dos Vaqueiros, pois só podiam votar e ser votado os membros que soubessem ler e escrever. Como nessa época a escolaridade não era oportunidade para todos os vaqueiros, esse aspecto pode ter contribuído para a causa da insatisfação dos mesmos diante do festejo e sendo esse também um motivo para a idealização de outra Festa dos Vaqueiros.

Ainda segundo essa edição do JORNAL DE JUAZEIRO, a programação da Festa dos Vaqueiros alternativa contou com a participação de cem vaqueiros, totalmente trajados, sendo que alguns eram oriundos dos municípios que fazem fronteira com Curaçá como Chorrochó e Abaré, também no Norte da Bahia.

A festa teve início no Povoado de São Bento, há 42 km da sede do município, e encerrou com a programação da festa promovida pela prefeitura no dia 2 de Julho (Feriado da Independência da Bahia). É importante ressaltar que o jornal narrou o acontecimento como “um espetáculo bonito” e que os artistas presentes foram os cantores Vavá Machado e José Marcolino. Os mesmos fizeram suas apresentações na Praça Raul Coelho, centro da cidade.

Figura 20 – Teatro Raul Coelho



Fonte: Caio Alves (2015).

Analisando as edições do JORNAL DE JUAZEIRO⁵⁷ nos anos seguintes não foram encontradas outras reportagens que tratassem sobre a realização da “festa alternativa” dos vaqueiros. Mas, o acontecimento comprova que os vaqueiros estavam descontentes com os rumos da Festa dos Vaqueiros.

Quando faço referência à saída do vaqueiro da festa, não quero afirmar que ele estava totalmente extinto da celebração, mas que sua participação aos poucos foi sendo reduzida, principalmente no que diz respeito à organização do festejo, pois com a centralização nas mãos dos políticos que estavam no poder, a mesma passou a ser coordenada por eles e a servir de cenário político.

Ainda sobre a festa alternativa de 1984, foi possível compreender que algumas características dela foram distintas da tradicional festa realizada pela prefeitura municipal de Curaçá. Na “festa alternativa”, por exemplo, houve a ocorrência de palestras educativas promovidas por veterinários. Em nenhum dos recortes de jornais analisados sobre o festejo foi encontrada tal iniciativa, o que chega ser o diferencial na programação.

Assim, o evento pode ter sido motivado também pela falta de oportunidade que o vaqueiro tinha de adquirir novos conhecimentos sobre a vida no campo, já que consta no Estatuto da Sociedade dos Vaqueiros, que seria responsabilidade também da associação promover palestras/conferências que fossem importantes para a classe. Então, o segundo festejo pode ter pretendido trazer uma nova organização para a festa voltando-se principalmente para o lado social da vida do vaqueiro, além da possibilidade de retornar aos tempos em que o vaqueiro organizava sua festa sem que interesses políticos estivessem envolvidos.

Nos depoimentos colhidos para a realização deste trabalho, e nos jornais analisados, é possível perceber que os vaqueiros, principalmente nas décadas de 80 e 90, ainda se faziam presentes nos momentos considerados mais tradicionais dentro do festejo como a MISSA CAMPAL, o DESFILE, FORRÓ DA ESPORA e as CORRIDAS DE PRADO. Contudo, é necessário observar que essa presença nos dias de festa também foi muitas vezes manipulada pelo poder dos políticos que geralmente buscavam agradar os participantes através de brindes para ter em troca um apoio.

Aproveitando-se da data, várias autoridades que compunham o governo da Bahia, principalmente nas décadas de 80 e 90, se fizeram presentes na Festa dos Vaqueiros. Analisando a

⁵⁷ Para a realização desse estudo sobre a Festa dos Vaqueiros de Curaçá, foram pesquisados os períodos do Jornal de Juazeiro de 1980 a 1989 e de 1990 a 1999.

revista FOTOS DO VALE na edição de Julho/Agosto de 1986, foi possível detectar que em nenhum momento foi citada a participação dos vaqueiros nas falas proferidas durante a festa. Na ocasião os discursos políticos se voltavam para a exaltação de construção de obras públicas na cidade, deixando de fora o elemento principal da comemoração que era o vaqueiro.

O governador João Durval Carneiro, juntamente com o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães e o candidato ao Governo do Estado da Bahia, Josaplat Marinho, além de senadores, deputados federais e estaduais, visitaram a cidade ribeirinha de Curaçá, no último dia 6 de julho, sendo recebidos por cerca de 1 mil vaqueiros. Na ocasião houve um ato público, quando vários oradores fizeram uso da palavra, iniciando pelo prefeito Theodomiro Mendes. (FATOS DO VALE, 1986, p. 46).

Na reportagem do JORNAL DE JUAZEIRO na edição de 10 de Julho de 1991 referente à Festa dos Vaqueiros, aparece mais um discurso político engajado ao festejo. Na matéria a festa mais uma vez torna-se objeto de propaganda política para as autoridades da cidade. Segue o trecho:

O prefeito de Curaçá, Aristóteles Loureiro, se declarou no dia de ontem, em entrevista ao JORNAL DE JUAZEIRO, indignado com o comportamento do vereador Gilberto Bahia Filho, o “Gilbertinho”, que segundo o chefe do Executivo curaçaense, teria usado a festa dos vaqueiros de Curaçá para lançar sua candidatura a prefeito do município passando por cima dos verdadeiros objetivos do evento: homenagear a figura quase mística do vaqueiro e mostrar sua cultura, a cara do sertão e da caatinga nordestina. (JORNAL DE JUAZEIRO, 1991, p. 01).

Na continuidade da matéria, a classe dos vaqueiros é representada pelo poder municipal que era o idealizador do evento.

No ano de 1992, o JORNAL DE JUAZEIRO publicou que cerca de 2.000 (dois mil) vaqueiros vindos de todas as regiões do Brasil participaram da festa, e que esses “turistas” foram animados com grandes shows de artistas consagrados no cenário nacional. Nesse sentido, é mais uma vez notório que a manifestação popular tinha se tornado um produto do mercado através do reconhecimento nacional e do aumento do número de turistas participando do festejo. A festa que no início contou com 40 participantes de Curaçá nas décadas de 80 e 90 ganhou outras proporções e públicos distintos.

Em entrevista com o ex-prefeito de Curaçá, Gilberto Bahia Filho⁵⁸, popular Gilbertinho, que governou a cidade de 1994 a 1997, o mesmo relatou que a Festa dos Vaqueiros de Curaçá permaneceu, nesse período, sendo organizada pela Sociedade dos Vaqueiros, que tinha seu pai,

⁵⁸ Gilbertinho Bahia Filho foi entrevistado em 2010 na sua residência em Curaçá.

Gilberto Bahia, como sócio-fundador. Nesses anos, o FORRÓ DA ESPORA, a MISSA CAMPAL e o DESFILE pelas ruas da cidade aconteciam dentro de um ritual que tomava conta de toda a cidade, mas que também se concentrava no prédio da Sociedade dos Vaqueiros.

Figura 21 – Sr. Gilberto da Silveira Bahia em discurso durante a Festa dos Vaqueiros



Fonte: Acervo da família Bahia.

Na edição do JORNAL DE JUAZEIRO de 05 de Julho de 1996 foi publicado que a comunidade de Curaçá estava esperando centenas de convidados de todas as regiões para a comemoração da Festa dos Vaqueiros, e que a organização da festa não estava atrelada, nesse ano, à prefeitura municipal de Curaçá, mas somente à Sociedade dos Vaqueiros. Na edição de 07/08 de Julho de 1998 do mesmo jornal, não foram encontradas referências quanto à participação dos vaqueiros na festa. O noticiário narra apenas que lideranças políticas estiveram presentes no evento e conferiram discursos para o público de vaqueiros.

Segundo o JORNAL DE JUAZEIRO, os discursos proferidos na Festa dos Vaqueiros de Curaçá, juntamente com a aparência do formato de “grande festa”, podem ter trazido outros significados à manifestação. Essa significação condiz à limitação da participação do vaqueiro no evento, bem como, a sua insatisfação com a direção que o festejo tinha tomado com o passar dos anos.

No início do ano 2000, como foi dito no capítulo anterior, a partir da segunda gestão do ex-prefeito Salvador Lopes houve a divisão da festa em dois grupos de oposição que tinha como base de frente de um lado a Sociedade dos Vaqueiros e do outro a AVAPEC. Com a realização de duas festas de vaqueiros no município os próprios vaqueiros se viram divididos e encurralados a decidirem sobre qual bloco partidário deveriam estar presentes.

“Quando dividiram a festa, o festejo ficou enfraquecido. As duas instituições tomaram destinos diferentes. Essa divisão foi meio que por ciúmes de uma associação que tinha mais de 1000 sócios e que organizava tão bem a festa”, desabafou Theodomiro Mendes Filho.

“Essas questões políticas para o vaqueiro não agrada nada, mas, para eles sim. A festa se dividiu por causa da política”, disse em entrevista o vaqueiro Deroaldo Rodrigues de Carvalho.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000 outro detalhe começou a chamar a atenção tanto dos vaqueiros que participavam do festejo como do público que se dirigia a Curaçá para participar da Festa dos Vaqueiros. Até esse período a festa era aberta a toda comunidade e também aos turistas⁵⁹. Da Sociedade dos Vaqueiros a festa tomava outros espaços da cidade, como a área do Mercado Municipal, ainda hoje situado no centro de Curaçá.

Barracas feitas de palhas se espelhavam nas ruas e avenidas que iam da Sociedade dos Vaqueiros ao Mercado Municipal. O público parava nessas barracas para consumir comidas típicas, como a carne de bode, e bebidas.

Artistas regionais se apresentavam em palcos que eram montados tanto na área de dança próximo ao Mercado Municipal como também acontecia o Forró da Espora na Sociedade dos Vaqueiros. A cidade ficava repleta de vaqueiros, famílias de vaqueiros e de visitantes. Era tudo muito simples. Mas dava para notar a satisfação das pessoas em participarem da festa.

Na segunda gestão de Salvador Lopes⁶⁰, o espaço da festa foi transferido para uma área que fica ao lado do Estádio Municipal Durval Santos Torres. Esse espaço recebeu o nome de Pátio de Eventos e foi montado pela gestão municipal com o objetivo de transportar as festas do centro da cidade para um local mais afastado e abrangente, onde poderia caber um público maior. Mas, também era objetivo da Prefeitura Municipal arrecadar fundos para pagar as grandes atrações da festa, como explicou o sócio-fundador da AVAPEC, Antônio Carlos Paixão:

O município não tinha dinheiro para pagar as bandas que a gente queria levar para a festa. Eram bandas de renome nacional. A festa era organizada pela União das Associações de Curaçá e pela Prefeitura Municipal. Em 2003 conseguimos levar 16 mil pessoas para o Pátio de Eventos com ingressos no valor de R\$3.00 mais um quilo de alimento. (PAIXÃO, 2016).

⁵⁹ Com o passar dos anos a celebração foi atraindo pessoas de cidades vizinhas a Curaçá e também de outros Estados do país. Os filhos curaçaenses que residiam em outros lugares também costumavam visitar seus familiares no período da festa.

⁶⁰ Salvador Lopes foi reeleito prefeito de Curaçá em 2001 ficando até 2004 no cargo. Em 2009 Salvador foi eleito prefeito pela terceira vez no município.

Foi a partir dessa transferência que o ingresso começou a ser cobrado ao público que participava da Festa dos Vaqueiros e artistas da grande mídia começaram a se apresentar na como as bandas Limão com Mel, Flávio José, Aviões do Forró, Garota Safada, Pablo e tantas outras que fizeram/fazem sucesso no mercado da mídia.

Ainda na gestão de Salvador os ingressos cobrados tinham um preço simbólico de R\$ 3,00 (três reais) mais a doação de um quilo de alimento. Os vaqueiros ganhavam seus ingressos para estarem presentes nos shows. Essa foi a forma que a gestão encontrou de atrair os vaqueiros para a festa. Com a transição, o Forró da Esporra perdeu público e cada vez mais vaqueiros. Houve anos em que a Sociedade dos Vaqueiros permaneceu fechada nos dias da festa principal da entidade.

Outra transformação é que nesse novo formato as pessoas que iam “curtir” a Festa dos Vaqueiros não vestiam mais os trajes de couro. O único objeto que lembrava o vaqueiro dentro da festa era o chapéu de couro, que mesmo assim, não era usado por todos os participantes. A festa foi perdendo a sua identidade cultural. Não havia mais barracas de palhas, o forró tradicional foi perdendo espaço e o vaqueiro aos poucos foi se afastando da sua festa.

É importante frisar que após a criação da AVAPEC em 2003, era a sua diretoria juntamente com a Prefeitura Municipal quem organizava a festa. A Sociedade dos Vaqueiros realiza seus eventos em um final de semana antes do período da Festa dos Vaqueiros, que era o primeiro final de semana de julho.

Na gestão do prefeito Aristóteles Loureiro, o Tote, que começou em 2005, continuou o mesmo formato da Festa dos Vaqueiros no Pátio de Eventos, porém com a venda de ingressos tabelados pelo mercado musical. Na gestão de Tote, os organizadores da festa eram os sócios da Sociedade dos Vaqueiros juntamente com a Prefeitura Municipal. Os membros da AVAPEC faziam os eventos da festa (FORRÓ DA ESPORA, DESFILE) paralelos os eventos organizados pela Sociedade dos Vaqueiros.

Outro aspecto percebido nesse período é a influência de empresas de festa sendo contratadas para organizarem a Festa dos Vaqueiros. O governo municipal começou a conceder o direito a essas empresas de organizarem a festa começando na sexta-feira e finalizando no domingo. Os shows eram realizados a noite no Pátio de Eventos. Durante o dia as associações organizavam os eventos culturais o Desfile dos Vaqueiros, a Missa dos Vaqueiros e o Almoço na Fazenda Saudade.

“As empresas entravam na contratação dos artistas e a Prefeitura Municipal entrava com a estrutura, segurança da festa”, comentou o sócio-fundador da AVAPEC Antônio Carlos Paixão.

Com a chegada de empresas, com a transferência do local da realização da festa e a apresentação de artistas de renome nacional, a Festa dos Vaqueiros tornou-se uma Arena de Shows, um espetáculo midiático. A imagem da festa adquiriu outras linguagens através dos meios de comunicação de massa e dos artistas que nela se apresentavam.

Até o cartaz que anunciava as atrações e que também convidava as pessoas a comprarem os ingressos, e com isso a terem acesso ao Pátio de Eventos, transformava-se a cada ano. O vaqueiro pouco era referenciado nesse tipo de mídia. Veja a seguir:

Figura 22 – Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2012



Fonte: Google

Figura 23 – Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2013



Fonte: Google.

Figura 24 – Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2015



Fonte: Google.

Figura 25 – Cartaz da Festa dos Vaqueiros de Curaçá no ano de 2016



Fonte: Google.

Nos cartazes podemos notar a publicidade de estabelecimentos comerciais que não são de Curaçá e também das empresas que organizavam a festa como: a Máquina Entretenimento, Pernalonga, Marson Sonorização. Essas empresas tem sede em Juazeiro e Petrolina e são responsáveis pela realização de grandes festas nessas cidades.

Outro fato levantando em entrevista por Antônio Carlos Paixão, é que em 2009, na gestão do prefeito Salvador Lopes, começa-se a ter apenas dois dias de festa no Pátio de Eventos deixando para o domingo a realização da festa aberta ao público no chamado “Palco Alternativo” no centro da cidade, ao lado da Rodoviária Municipal.

Começamos a fazer a Festa dos Vaqueiros no chamado Palco Alternativo no domingo. A festa era gratuita e tinha a apresentação de grandes forrozeiros. A festa nesse dia fugia do que vinha sendo realizado no Pátio de Eventos porque a gente trazia elementos culturais. (PAIXÃO, 20016).

De 2012 a 2016 a Festa dos Vaqueiros continuou sendo realizada na sexta-feira e sábado no Pátio de Eventos e no domingo no Palco Alternativo. Nesses últimos quatro anos as empresas não dividiram seus lucros com o município. Elas tornaram-se as detentoras da organização. As associações ficaram responsáveis para organizar os eventos que expressavam a cultura do vaqueiro como a Missa Campal, o Desfile, o Almoço na Fazenda Saudade. Nesses anos também houve a tentativa de resgatar do Forró da Espora.

Durante a pesquisa, encontramos a Lei Municipal 575/2011 de 20 de junho que incluiu a Festa dos Vaqueiros no calendário festivo da cidade. Nesta época o ex-prefeito Salvador Lopes estava à frente da gestão municipal. Em 2011 ainda acontecia a divisão da festa em dois blocos formados pelas associações de vaqueiros. A Lei torna a festa efetivamente como algo definido no calendário. Talvez o gestor possa ter entendido que o espaço da festa precisasse de uma legitimidade para acontecer ou que a festa precisava ser unificada e que fosse respeitada a data de criação do festejo, o ano de 1953. De fato, é que como a festa se tornou Lei, passou-se a ser obrigatória a sua realização no primeiro final de semana de julho.

Ainda durante a pesquisa, segundo Theodomiro Mendes, com o intuito de fortalecer a tradição do vaqueiro foi aprovado na Câmara Municipal de Vereadores o projeto de lei da sua autoria que torna o primeiro domingo de julho como o Dia do Vaqueiro em Curaçá. Em termos jurídicos esses foram os registros encontrados sobre a Festa dos Vaqueiros.

A divisão da festa durou até 2012 quando foi eleito o prefeito Carlos Brandão. Nos últimos quatro anos a festa voltou a acontecer apenas no primeiro final de semana de julho e passou a contar com a união das duas associações de vaqueiros. Talvez por não pertencer a nenhum dos grupos políticos que gerem as associações, a gestão do prefeito Carlinhos Brandão tenha permanecido neutra, e procurado manter somente uma realização da Festa dos Vaqueiros no dia 2 de julho.

Durante a pesquisa nos meios de comunicação do Vale do São Francisco, foi encontrada a divulgação de uma matéria no Blog Geraldo José, no ano de 2013, sobre a união da Sociedade dos Vaqueiros e a AVAPEC. Veja a seguir:

Para comemorar o Sexagésimo ano da festa, a Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá e a Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC) se uniram e prepararam uma extensa programação cultural que promete abrilhantar ainda mais a comemoração. Na sexta-feira (05 de julho) a população de Curaçá e região está convidada a participar da Rodada de Aboios na sede da AVAPEC. No sábado (06), a partir das 11h, haverá o tradicional Almoço dos Vaqueiros na Fazenda Saudade, distante 3KM da sede.

Figura 26 – Desfile dos Vaqueiros saindo da Fazenda Saudade no ano de 2015



Fonte: Laércio Lima (2015)

Em entrevista com o Diretor de Cultura de Curaçá, Sérgio Ramos, que está locado na Secretaria de Educação, Esportes e Cultura do município, o mesmo ressaltou como tem sido a atuação do governo municipal nos últimos quatro anos na organização da festa.

Essa foi a primeira preocupação do governo desde o início do mandato. Até 2012 tanto a Sociedade dos Vaqueiros como a AVAPEC (Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá), saíam separadamente no tradicional Desfile dos Vaqueiros. A partir de 2013 essa tendência se inverteu e até hoje saem juntos fazendo um lindo desfile. Isso potencializou muito o evento. (RAMOS, 2016).

O diretor acrescentou ainda como aconteceram os preparativos da festa nos últimos quatro anos:

O Departamento de Cultura participa de todas as reuniões, sempre lideradas pela primeira dama Jussara Brandão. Todo ano o Departamento apresenta um projeto com ideias para inovar na festa, como realização de documentários homenageando Vaqueiros históricos, como foi caso do vídeo realizado sobre Gilberto Bahia, um dos criadores da Festa. (RAMOS, 2016).

Questionando sobre os incentivos políticos que a festa recebe a nível estadual, o diretor de Cultura respondeu:

Não existe nenhum incentivo por parte do Estado. A BAHIAATURSA é muito burocrática e isso inviabiliza qualquer tipo de parceria. Várias vezes a prefeitura tentou buscar recurso, mas nunca foi contemplada. A SECULT não dá nenhuma assistência a Festa dos Vaqueiros. Como disse, a BAHIAATURSA dificulta muito o apoio financeiro, burocratizando bastante o processo de incentivo. (RAMOS, 2016).

Um dado revelado por Sérgio durante a entrevista é que em 2015 foi reativado o Conselho de Cultura em Curaçá. A entidade foi fundada em 2009. Segundo o diretor, dentro do Conselho o vaqueiro é representado pelos membros das associações de vaqueiros. “O conselho é um projeto de lei de 2009 e foi ativado em maio de 2015. O vaqueiro é representado no Conselho por membros do da Sociedade dos Vaqueiros e AVAPEC.” (RAMOS, 2016).

Sérgio Ramos também foi questionado sobre como a Prefeitura Municipal enxerga a festa como um caráter turístico na região. Para ele, apesar das tentativas da gestão em potencializar o turismo no período da festa, ainda precisa-se desenvolver mais atividades com foco na área.

O setor de Cultura sempre tenta focar a festa nesse sentido, mas os apelos midiáticos em relação a hits de sucesso sempre atrapalham. Mas tentativas existem sim, o ano passado (2015), por exemplo, fizemos uma tarde cultural onde no palco foi apresentado shows com grupo culturais locais como o RDB. Onde vaqueiros mirins se apresentaram encourados e entoando aboios

e cantando músicas voltadas para a realidade do vaqueiro. Agora com certeza falta um foco no turismo, o município tem um potencial incrível neste sentido. Em dezembro do ano passado fizemos o I Seminário de Turismo de Curaçá e muito se falou no investimento turístico no período da Festa dos Vaqueiros. (RAMOS, 2016).

Figura 27 – Desfile dos Vaqueiros pelas ruas de Curaçá em 2015.



Créditos: Laércio Lima (2015)

Figura 28 – Vaqueiros assistindo à Missa do Vaqueiro, em 2015, na Praça do Teatro Raul Coelho.



Créditos: Laércio Lima (2015).

Durante a pesquisa de campo também foi feito um contato com o representante do Território Sertão do São Francisco, Alan Alves. A Bahia está dividida em 27 Territórios de Identidade, de acordo com a Secretaria de Cultura do Estado. Curaçá está inserido no Território Sertão do São Francisco juntamente com as cidades de Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá.

Figura 29 – Mapa do Território Sertão do São Francisco.



Fonte: Google

Questionado sobre como a Festa dos Vaqueiros era vista dentro do Território Sertão do São Francisco, Alan Alves explicou que a celebração é uma das que mais se destacam na região, principalmente, pelo tempo em que é realizada, há 63 anos.

A Festa dos Vaqueiros de Curaçá é a maior do Norte da Bahia. A roupa do vaqueiro é milenar, é o único uniforme da Idade Média em uso. Em Casa Nova tem a tradição dos Caretas, em Juazeiro tem a tradição dos Congos, Casa Nova também tem a Guerra de Pau de Colher, Canudos tem a Guerra de Canudos. Curaçá tem um centro histórico belíssimo, a Festa dos Vaqueiros e a Marujada. (ALVES, 2016).

Alan destacou que até a última edição da Festa dos Vaqueiros, em julho de 2016, a secretaria de Cultura não tem uma atuação dentro do festejo. No entanto, apontou algumas possibilidades da aproximação entre a SECULT e a Festa dos Vaqueiros.

É preciso ter esse entendimento da importância da cultura, dos vaqueiros, para que as políticas públicas sejam incorporadas. O ideal seria a cidade de Curaçá ser contemplada com algum edital da Secretaria de Cultura. O melhor caminho é as associações e os vaqueiros participarem de editais de patrimônio histórico de forma democraticamente. (ALVES, 2016).

O representante do Território Sertão do São Francisco também ressaltou que a única iniciativa da SECULT em relação a cultura do vaqueiro em Curaçá foi a criação do Conselho Municipal de Cultural.

Nós ajudamos a reativar o Conselho Municipal de Cultura. O Conselho está ativo em Curaçá. É um órgão deliberativo e fiscalizador do diálogo entre o poder executivo e a sociedade civil. O Conselho poderá criar políticas públicas para a Festa dos Vaqueiros. O Conselho pode orientar a Prefeitura a fazer um projeto e buscar incentivos através da Lei de Incentivo do governo da Bahia. (ALVES, 2016).

Apesar da falta de iniciativas políticas através da SECULT e também da gestão municipal, para Alan a festa conseguiu expandir-se na região pela sua essência cultural e por servir de identidade geográfica para quem habita no Território do Sertão do São Francisco.

A Festa dos Vaqueiros está na mesma proporção dos Penitentes de Juazeiro, dos Caretas de Casa Nova. A festa se tornou uma identidade geográfica. Quando se fala da Festa dos Vaqueiros já se recorda de Curaçá. Curaçá é a cara do vaqueiro. (ALVES, 2016).

A Festa dos Vaqueiros em 2017 fará 64 anos, e essa dissertação chega como um recorte dos seus principais momentos na tentativa de não somente homenagear os vaqueiros de Curaçá e

suas famílias, mas de refletir como acontece a soma de interesses dentro do ambiente da festa e como essas transformações envolvem os participantes e influenciam novas maneiras de festejar.

Durante os três capítulos dessa dissertação houve momentos em que deixei que a memória curaçense florescesse em mim, e relembrei momentos que vivi rodeada dos meus pais que são filhos de vaqueiros e também dos meus avós vaqueiros. Esses momentos que vivem amontoados em minha memória me fizeram questionar o porquê que a Festa dos Vaqueiros a cada ano perdia a sua identidade cultural, histórica, social. Indo atrás de uma resposta, encontrei na política um dos pilares responsáveis para tantas reformulações de significados, enredos e entendimentos sobre a Festa dos Vaqueiros.

Para compor toda essa trajetória da festa, também tive que ouvir outras memórias e ir costurando cada detalhe a soma de jornais, revistas que também contaram a história da Festa dos Vaqueiros.

O resultado desse trabalho está composto nestes três capítulos que não irão parar por aqui, pois a ideia é transformá-los, futuramente, em publicações e amostras da história cultural e política de Curaçá.

O fato é que a Festa dos Vaqueiros sempre procura uma forma de resistir. Os seus participantes também resistem e resistem ao tempo, às influências da globalização, do sistema econômico capitalista que tanto difere as culturas mais ricas das mais pobres. Resistem, também, à forma de se fazer política ainda a base de ligações patriarcais no sertão da Bahia. A Festa dos Vaqueiros resiste na saudade que muitos dos depoentes deixaram transparecer nas entrevistas.

Seja pela saudade, ou pela resistência de não querer que uma história cultural se acabe, após os depoimentos colhidos foi percebido que os próprios vaqueiros encontraram um novo jeito de celebrar a sua própria festa, a autêntica festa da cultura do couro no sertão. O fato de a Festa continuar por mais de 60 anos mostra que a celebração se reafirma todos os anos mesmo se esbarrando com as influência dos grupos partidários e mais recentemente da mídia.

É vivenciando o cenário da Festa dos Vaqueiros, como testemunha, que concluo esse capítulo na certeza de que a Festa dos Vaqueiros é como as plantas da Caatinga que com resiliência resiste. A Cultura é dinâmica. A Cultura precisa da dinâmica para se perpetuar e ser fonte de significados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar uma das festas mais populares da cidade de Curaçá-BA, a Festa dos Vaqueiros, foi uma tentativa de compreender que as tradições festivas estão cercadas não apenas de momentos alegres, de descontração, mas de intensas disputas e tensões que são originárias do contexto político-histórico-cultural de cada ambiente.

Como curaçaense sempre tive contato com a Festa dos Vaqueiros e muitas indagações começaram a surgir como: o que tem provocado a ressignificação da Festa dos Vaqueiros? Como os grupos políticos contribuem para isso? O estudo desta dissertação nasce dessas inquietações e do objetivo de contribuir para a produção historiográfica do município de Curaçá e também com o desenvolvimento dos estudos culturais na Bahia.

Durante esta pesquisa foi visto que a Festa dos Vaqueiros, que é realizada em Curaçá desde a década de 1950, carrega uma vasta influência das decisões dos grupos político-partidários que governam ou governaram a cidade.

A partir da fundação da Sociedade dos Vaqueiros em 1959 a Festa dos Vaqueiros passou a ser não apenas um atrativo cultural, uma celebração aos vaqueiros, mas uma área de influências político-partidárias. A entidade foi formada por membros de famílias bem sucedidas e não por vaqueiros. A associação apenas tinha a ideia de representar os vaqueiros, mas os seus fins eram políticos. O poder político e o prestígio social a todo momento circulavam em volta da associação.

Quando a festa passa a ser organizada pela Sociedade dos Vaqueiros começa a receber artistas famosos, autoridades da política baiana como governadores, senadores, deputados, entre outros, que veem o festejo como um momento de pedir votos, inaugurar obras e difundir ideologias políticas.

A partir da década de 1970 os grupos políticos começaram a se apropriar da festa, com mais intensidade, e introduziram novos elementos e simbologias. O ritual da festa sofreu grandes transformações, como a troca da data de realização da celebração para o primeiro final de semana de julho, deixando para traz toda a importância do 2 de julho na Bahia.

No final da década de 1990 a Festa dos Vaqueiros ganhou novos espaços dentro da cidade e começou a atrair milhares de turistas. Na região do Sertão do São Francisco a Festa dos Vaqueiros de Curaçá se tornou referência. É no início dos anos 2000 que o festejo passou por um

período de forte turbulência com a fundação da Associação de Vaqueiros e Pecuaristas de Curaçá (AVAPEC).

A partir de um racha político entre os grupos partidários, foi fundada a associação com a pretensão de representar os vaqueiros que não se inseriam na Sociedade dos Vaqueiros. Como os membros da Sociedade dos Vaqueiros e da AVAPEC divergiam em suas ideologias políticas, a celebração sofreu um desgaste com a realização de duas edições do festejo em finais de semana diferentes, aconteceram disputas pela realização da Missa Campal e do Desfile dos Vaqueiros.

Além disso, a festa recebeu adereços de grande espetáculo com a produção da festa no formato de circuito fechado no Parque de Eventos com a apresentação de artistas da mídia. O Forró da Esporra foi um dos momentos do ritual da festa que mais foi afetado. Em alguns anos não foi realizado o tradicional forró para os vaqueiros ficando-os apenas a opção de participar da festa no circuito fechado.

O vaqueiro passou de protagonista da festa para o papel de coadjuvante. O que restou foi apenas a memória saudosista da população povoada de vaqueiros entoando seus aboios, com suas roupas e objetos de couro.

Para chegar às afirmações acima, este trabalho foi realizado através de uma pesquisa documental, bibliográfica, aliada ao método da história oral. A metodologia adotada contribuiu no resgate de memórias sobre a Festa dos Vaqueiros, bem como sobre o município de Curaçá e o sertão baiano. As memórias abriram um leque de informações para que se fosse possível compreender como as festas estão penetradas de significados que interagem com os acontecimentos políticos e sociais de uma comunidade. A festa não é se faz isolada, de ano em ano. Ela acontece de acordo com a realidade vivida pelas pessoas envolvidas.

É importante frisar que um trabalho de observação da festa, do seu enredo, do seu contexto e dos seus participantes, foi realizado, inclusive para a escolha dos depoentes. Essa foi uma das partes mais complexas desta pesquisa, por conta da proximidade que a autora tem com o tema e com os moradores de Curaçá. Em certos momentos, principalmente no decorrer das entrevistas, houve uma mistura de sentimentos da autora com a festa, a cada lembrança. Para a conclusão da pesquisa foi necessário um posicionamento crítico da autora, para que a objetividade viesse à tona e fosse possível concretizar os objetivos do trabalho.

No entanto, é importante que se ressalte que apesar da Festa dos Vaqueiros de Curaçá ter perdido as suas impressões originais e tradicionais, ela resiste em meio às tensões ocasionadas

pelos grupos políticos que integram a organização do município. São 63 anos de existência. A continuidade da festa ao longo dos anos faz refletir que a cultura do vaqueiro é resistente e isso pode ser constatado nas observações corpo a corpo durante o festejo. Os vaqueiros continuam vindo das fazendas para participar da festa, enchem a missa campal e se orgulham ao desfilar com sua armadura de couro e com seus cavalos.

Contudo, a cultura da Festa dos Vaqueiros vem se atualizando, acompanhando as transformações da sociedade e dos agentes que a conduzem. É natural da cultura a dinâmica e um dos efeitos da globalização é a efemeridade, a hibridização cultural.

Este trabalho é chegado ao fim com a perspectiva de novas inspirações para a continuidade da pesquisa do universo das festas no município de Curaçá, em especial a Festa dos Vaqueiros. Este trabalho dissertativo poderá servir de base para os estudos culturais no sertão do São Francisco, uma região onde ainda há muito para ser explorado, além de servir como registro histórico para a comunidade de Curaçá.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamim (org). **Margens da Cultura**: mestiçagens, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Festas para que te quero**: Por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória: UNESP- FCLAs-CEDAP, V.7, n.1, p, 134-150, jun. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147/147>>. Acesso em 14.jan.2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira. Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 382f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às imediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987, p. 1-50.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança os Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade moderna**. Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (RES) Sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

CASCUDO, Luis da Camara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1976.

CASCUDO, Luis da Camara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

CAVALCANTI, Bruno César. **Novos Lugares da Festa**: Tradições e Mercados. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n° 16, 1995, p. 170- 192.

COELHO, Teixeira. **A Cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CONCEIÇÃO, Fernando. Cultura como alienação. "Power and Black Organizing in Brazil". In REITER and MITCHELL (Orgs). *Brazil's New Racial Politics*. Boulder, Colorado, USA: Lynne Rienner Publishers, Inc, 2010. Versão em português: "**Cultura como alienação**". In Revista USP, São Paulo, 2007.

CUNHA, Maria Clementina (Org). **Carnavais e Outras F(r)estas**: ensaios de história social da cultura. São Paulo: Unicamp, 2002.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2011.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: Edufba, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSBAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.9-23.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=290990&search=bahia|curaca|infrograficos:-historico>>. Acesso 20 de agosto de 2015.

JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LEE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Esmeraldo. **Opara**. Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco. Juazeiro, 1997.

LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá**. Curaçá: Gráfica Franciscana, 2000.

LOPES, Esmeraldo. **Caatingueiros e Caatinga: A agonia de uma cultura**. Maceió: Gráfica Grafipel, 2012.

MATTOS, João. **Descrição Histórica e Geográfica do município de Curaçá**. Juazeiro: Typ de o Echo, 1926.

MEDRADO, Joana. **Terra de Vaqueiros**. Relações de Trabalho e Cultura Política no Sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. **História Política do Baixo Médio São Francisco**: um estudo de caso de coronelismo. 1989. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1989.

MIGUEZ, Paulo. **Aos Leitores**. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja da sesmaria ao minifúndio**. Um estudo de história regional e local. 2.ed.rev. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

PANG, Eul Soo. **Coronelismo e Oligarquias 1889-1934**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Outra História**: Imaginando o Imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29, p. 9-27, 1995.

QUEIROZ, Wasghinton. **Bahia e Vaqueiros**: Um Débito. Revista FACED, Salvador, nº 17, p. 71-84, jan./jun. 2010. Disponível em:
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/4872/3809>. Acesso em 10 de Agosto de 2014.

SANT'ANNA, Márcia. **A Festa como Patrimônio Cultural**: problemas e dilemas da salvaguarda. Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo, vol.14, Mai/2013. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10. Jan. 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único a consciência universal. 2000. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

Jornal

Jornal Asa branca edição de 31 de Julho de 1980.

Jornal Asa branca edição 30 de Julho de 1981.

Jornal Asa branca edição de Julho/Agosto de 1982.

Jornal de Juazeiro edição de 28/30 de Junho de 1984.

Jornal de Juazeiro edição de 10 de Julho de 1991.

Jornal de Juazeiro edição de 07 de Julho de 1992.

Jornal de Juazeiro edição de 05 de Julho de 1996.

Jornal de Juazeiro edição de 01 de Julho de 1997.

Jornal de Juazeiro edição de 007/08 de Julho de 1998.

Jornal de Juazeiro edição 02/05 de Julho de 1999.

Revistas Revista Fotos do Vale edição maio/junho de 1986.

Revista fotos do Vale edição março/agosto de 1987.

Revista Fotos do Vale edição julho/agosto de 1985.

Revista Fotos do Vale edição julho/ agosto de 1986.

Documentos:

Ata de Sessão de fundação da Sociedade dos Vaqueiros de 1959.

Entrevistas realizadas

Omar Dias Torres (Babá): ex-morador de Curaçá.

Theodomiro Mendes Filho: vereador e ex-presidente da Sociedade dos Vaqueiros

Luis Antônio da Silva (Vaqueiro)

Deroaldo Rodrigues de Carvalho (Vaqueiro)

Antônio Carlos Rodrigues Paixão (Sócio fundador da AVAPEC e ex-secretário de Governo de Curaçá)

Dom José Geraldo da Cruz (Bispo da Diocese de Juazeiro-BA)

Sérgio Ramos (Diretor de Cultura de Curaçá)

Alan Alves (Representante do Território Sertão do São Francisco pela Secretária de Cultura)

ANEXO A – Imagens que remetem às festividades citadas na presente dissertação



Almoço na Fazenda Saudade. Os vaqueiros começando a se reunir para o concurso de Aboio e Desfile pelas ruas de Curaçá. Foto: Laércio Lima. Ano 2015.



Almoço na Fazenda Saudade. Foto: Laércio Lima. Ano 2015



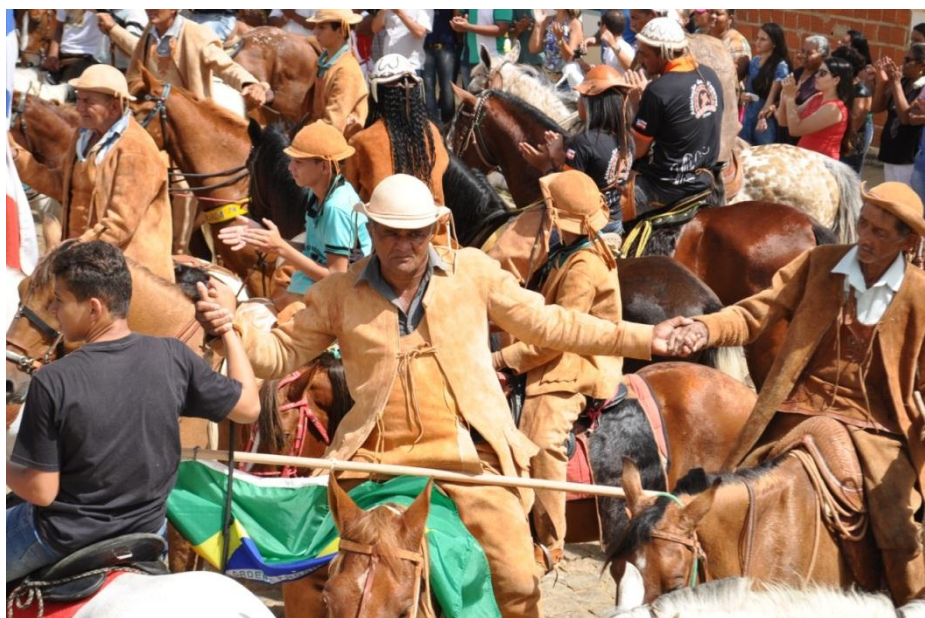
Desfile dos Vaqueiros pelas ruas de Curaçá. Foto: Laércio Lucas. Ano 2015.



Desfile dos Vaqueiros pelas ruas de Curaçá. Foto: Laércio Lima. Ano 2015.



Vaqueiro recebendo a Eucaristia durante a Missa dos Vaqueiros realizada na Praça Raul Coelho. Foto: Laércio Lima. Ano 2015.



Missa dos Vaqueiros. Foto Laércio Lima. Ano 2015.



A primeira Festa dos Vaqueiros realizada pela Sociedade dos Vaqueiros em 1959. Foto: Acervo do ex-prefeito Gilberto Bahia Filho.



Vaqueiros reunidos em frente à Igreja Matriz de Curaçá. Foto: Acervo do ex-prefeito Gilberto Bahia Filho.



Vaqueiros em frente à Igreja Matriz de Curaçá. Foto: Acervo do ex-prefeito Gilberto Bahia Filho.

*Não se sabe a data exata da fotografia. Segundo Gilberto Bahia a foto é da década de 1950.

